Ana Maria Magalhães · Isabel Alçada

Ilustrações de Rui Sousa

# Navio Mistério

## A NAU DO TRATO

Fundação Jorge Álvares

# Navio Mistério

## A NAU DO TRATO

Ana Maria Magalhães · Isabel Alçada

Ilustrações de Rui Sousa

Fundação Jorge Álvares

# Índice

## INFORMAÇÃO HISTÓRICA

## CAPÍTULO I

# Um professor enigmático

A última aula da manhã era de Matemática e deixou a turma numa espécie de transe porque a professora se despediu e fê-lo à sua maneira seca, distante, decidida.

— Antes de saírem, quero avisar de que não volto a dar--vos aulas.

A surpresa emudecera-os. Nunca tinha havido qualquer espécie de empatia com aquela senhora de cabelos brancos e olhos azuis que se limitava a explicar a matéria sem deixar margem a que fossem abordados assuntos alheios aos conteúdos da disciplina. Quando se cruzava com eles por acaso nos intervalos limitava-se a um aceno de cabeça quase impercetível. Não podiam negar que ensinava bem, mas não se apercebia ou preferia não se aperceber de que vários alunos não acompanhavam o ritmo da exposição e que, por isso mesmo, tinham negativas. Não faltava, no entanto, quem obtivesse notas muito altas, como era o caso da Aida e do Tomás. Esses respeitavam--na, às vezes até a defendiam quando os colegas se queixavam, o que geralmente os deixava bastante irritados. Só que respeito é uma coisa e amizade é outra bem diferente. Quando ela saiu da sala sem olhar para trás, explodiram

comentários que em poucos minutos descambaram num aceso debate.

— Desta já nos livrámos — exclamou o Romeu com visível satisfação. Que sorte!

— Ou azar, porque quem vier substituí-la pode ser muito pior e não conseguir preparar-nos para o exame — respondeu-lhe logo o Tomás exaltado. — E se calhar a culpa de ela se ir embora é tua.

— Minha? Porquê?

— Porque passavas a vida a irritá-la e os professores não são de ferro.

Os dois rapazes berravam à distância de várias carteiras e já não eram só eles. A discussão generalizara-se, falavam todos ao mesmo tempo. Quando saíram porta fora, uns iam satisfeitos com a ideia de uns dias de folga, outros com uma ponta de preocupação por não ser matéria que se estudasse sem apoio, outros ainda curiosos, pois até àquele dia nada indicava que a professora estivesse de partida.

— Acham que mudou de casa e pediu transferência para uma escola mais perto?

— É uma hipótese. Mas também se pode ter fartado de nós.

— Não somos assim tão insuportáveis.

— Tu não és, mas há quem seja.

Aida caminhava à frente, de cabeça baixa, pensativa. Adiante parou e disse aos colegas que se encontravam mais perto.

— Ela tem cabelos brancos, não tem?

— Tem. E então?

— Então, não está no princípio da carreira, já deve ter aturado alunos melhores e piores do que nós. Não ia largar tudo por causa das graças parvas do Romeu.

Tomás passou-lhe o braço à volta dos ombros, num gesto amigável.

— Sensata como sempre, Aida, tens razão. Mas há um pequeno pormenor que te escapou. A partir de uma certa idade as pessoas têm direito à reforma. Se calhar reformou-se.

Nessa mesma tarde souberam que Tomás acertara em cheio. Quem lhes passou a informação foi a diretora de turma, com cara de caso por não haver perspetivas de substituição rápida. Para espanto da turma, o primeiro a barafustar foi o Romeu.

— A diretora já fez tudo o que é possível para vocês não perderem nem um dia de aulas. Mas, para se contratar professores, é indispensável que haja professores interessados, e até agora não apareceu nenhum.

A explicação desconcertou-os a tal ponto que ficaram em silêncio, todos a pensar o mesmo «nunca me passou pela cabeça que isto pudesse acontecer».

No dia seguinte, sábado, partiram para o fim de semana convencidos de que o problema se resolveria em poucos dias, mas segunda-feira não houve novidade, os dias foram passando, começavam a inquietar-se e as famílias também. Alguns procuraram explicações, outros resmungavam que não as podiam pagar e sem darem a matéria o exame seria um desastre.

Quando finalmente souberam que a vaga fora preenchida, a atmosfera estava carregada de eletricidade com nuvens negras, muito espessas, baixas, a ameaçar chuva grossa. O primeiro raio a ziguezaguear no céu, logo seguido pelo estrondo de um trovão, levou os alunos a virarem-se todos para as janelas, que estremeceram antes de serem atingidas por autênticas cordas de água que chicotearam os vidros. O inesperado espetáculo oferecido pela natureza, impediu-os de ver entrar na sala o novo professor de Matemática. E ele, em vez de se fazer notar, colocou a pasta em cima da mesa e esperou.

Poucos segundos depois os alunos endireitaram-se e pasmaram diante do homem que tinham pela frente, pois não se parecia em nada com os outros professores da escola. Baixo e magro, de cabelo preto, muito liso e feições orientais, possivelmente chinês, intrigava devido à expressão enigmática, impressionava devido à postura, mas havia mais qualquer coisa nele difícil de identificar. Quando tomou a palavra, sem elevar a voz, os alunos, muito quietos e no mais absoluto silêncio, pareciam hipnotizados. Romeu então nem pestanejava.

— O meu nome é Pedro Sun — declarou, num português cristalino, sem o mais leve sotaque.

Antes de prosseguir, passeou a vista pelas caras dos alunos, fixando-se por breves instantes em cada um deles, como se se preparasse para escolher quem realizaria uma determinada tarefa, tarefa ou prova, porque a atitude e a postura não era a de um professor de Matemática, mas a de um treinador desportivo prestes a dar o sinal de partida.

## CAPÍTULO II

# Aulas surpresa

Nas aulas seguintes, o encontro com o professor Pedro Sun continuou a ser uma permanente fonte de surpresas. A primeira foi a organização do espaço da sala de aulas, que passou a sofrer variações. Se num dia as carteiras estavam todas alinhadas como de habitual, no outro estavam encostadas à parede, ou em círculo, ou em quadrado, ou até em triângulo. E o mais extraordinário era ele realizar esses alinhamentos em tempo recorde e quase sem fazer barulho.

Os alunos cochichavam:

— Não percebo como é que ele faz isto.

— Nem eu.

— Nem para quê — insistia sobretudo o Romeu.

Curiosamente, sem nunca ter ouvido esses e outros comentários do mesmo género, o professor acabou por explicar, de olhos postos no Romeu, que a boa organização do espaço é indispensável a toda e qualquer atividade humana.

A resposta a uma pergunta que não formulara senão entre colegas deixou Romeu perplexo. Sem saber como reagir, limitou-se a um vago trejeito de anuência.

Os outros também tinham ficado admirados e Aida não resistira a tentar esclarecer a sua própria dúvida.

— O que nos fez confusão é a rapidez com que o professor muda tudo. Arrastar cadeiras e mesas leva tempo.

Ele ficou um instante a olhá-la, com uma expressão indecifrável e disse apenas:

— O tempo é relativo, depende do observador.

Depois sorriu e retomou a matéria que estava a dar. A turma concentrou-se, rendida à jigajoga das carteiras, pois não podiam negar que assim aprendiam melhor, mas no espírito de cada um ia-se enraizando a ideia de que aquele professor, além de saber muito e de ser brilhante a ensinar, tinha um poder oculto, um poder secreto que, com calma e paciência, haviam de descobrir. O que exigia proximidade. E como a melhor maneira de as pessoas se tornarem próximas é conversar, alguns passaram a arrumar lentamente as mochilas para nos últimos momentos de convívio na sala de aula falarem com o professor Pedro a respeito de assuntos tão variados como futebol, previsões meteorológicas, programas de televisão. Quando lhe pareceu que já não seria inoportuno, Aida atreveu-se e perguntou-lhe se era chinês ou português.

— Tenho dupla nacionalidade. Nasci em Macau de mãe portuguesa e pai chinês. Registaram-me nos dois países.

A expressão semi-irónica, semissorridente, não impediu Tomás de o forçar a ir mais longe.

— Cresceu lá ou cresceu cá?

— Lá e cá. Andei na escola portuguesa de Macau até aos 12 anos, depois a família mudou-se para Leiria onde viviam os meus avós. Quando acabei o curso, vim para Lisboa e por cá fiquei até ver.

— Não nos diga que se vai embora!

A exclamação espontânea de Aida levou o grupo a endireitar-se, pronto a insistir para que ficasse. Mas ele limitou-se a uma daquelas frases meio misteriosas com que rematava muitas das conversas.

— Podemos sair dos sítios onde vivemos, mas esses sítios nunca saem de nós.

Acenou-lhes e abandonou a sala sem mais explicações. Alguns ficaram a debater o significado daquela frase e o motivo por que a dissera. Já no corredor, Romeu aventou uma hipótese.

— Vocês não acham que ele diz este género de coisas para armar em original?

— Ele não precisa de armar porque é original — foi a opinião do Tomás.

As raparigas concordaram vivamente.

Na semana seguinte tiveram teste que correu bem à maioria dos alunos. Só Felícia entrou em desespero por ter a certeza de que, conforme era costume, a nota seria negativa. Não se enganou. Mas ao contrário do habitual, em vez de recriminações por não estudar, viu o professor aproximar-se dela e perguntar-lhe serenamente se sabia qual era o problema que a impedia de conseguir bons resultados. Atrapalhada, encolheu os ombros, mas Pedro Sun não desistiu. De pé, muito sério, aguardou

pacientemente que apresentasse a sua teoria. A disponibilidade e o respeito que demonstrava pôs a turma a olhá-la em suspenso. Num impulso, Felícia disse o que realmente pensava:

— A Matemática não me interessa nada. E as outras disciplinas também não. Não gosto de estudar e o que aprendo na escola não tem utilidade nenhuma. O que eu quero é ser atriz.

Na cara do professor estampou-se uma expressão ainda mais misteriosa do que era costume. Em volta dos olhos formaram-se rugas pequeninas, as sobrancelhas uniram-se, a boca perdeu a cor. Mas em vez de argumentar conforme todos previam lançou ao ar uma interrogação.

— Qual será a melhor maneira de uma pessoa se preparar para ser boa atriz?

Uma onda de verbos soltos inundou a sala.

— Ensaiar.

— Decorar.

— Ler.

— Observar.

— Refletir.

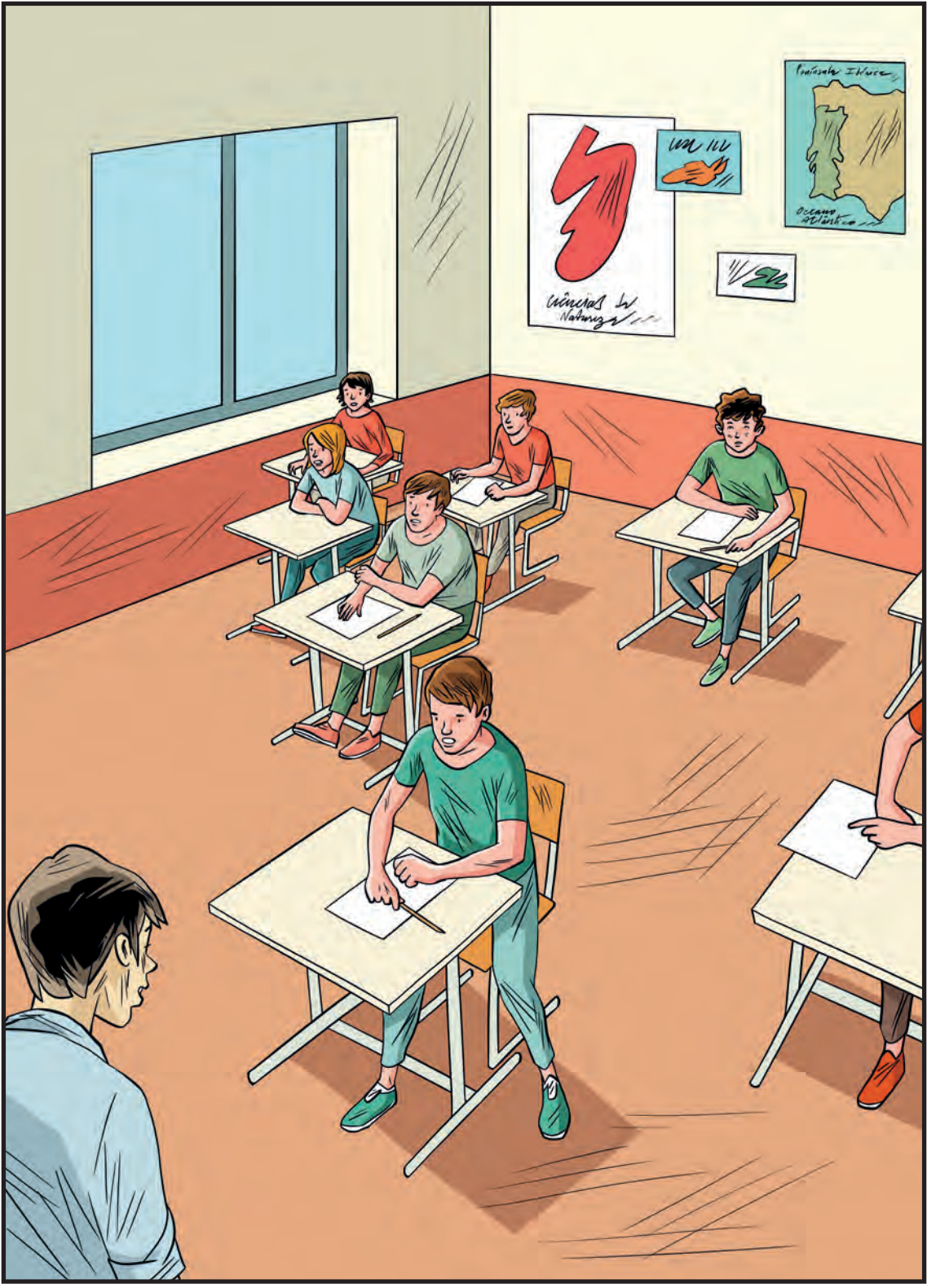
— Dialogar.

— Fingir.

— Chorar.

— Rir.

O professor deixou-os expandir-se sem interromper e sem demonstrar acordo ou desacordo. E eles continuaram.

Oceano
Atlântico

— Uma atriz tem de manter boa forma física.

— Dominar o corpo.

— Educar a voz.

— Treinar a memória.

— Sim, sim — anuiu finalmente Pedro Sun —, o que vocês disseram está certo, mas não chega. Uma atriz tem de apurar a sua inteligência com uma formação básica em muitos domínios. E para isso a escola é muito útil. Também tem de compreender o mundo em que vive para poder representar os vários tipos de personagens. E convém que não se limite ao presente, precisa, por exemplo, de saber História para interpretar papéis em peças de teatro, filmes ou séries que retratem outras épocas. Ou seja, tem de enriquecer o espírito, porque um espírito vazio não vai longe.

Os alunos fitavam-no admirados por lhes falar de tudo menos da necessidade de estudar Matemática. Ele percebeu o que pensavam e com aquela espécie de meio sorriso a que os habituara, encerrou a questão de uma maneira surpreendente:

— O estudo é importante, mas não chega. É preciso abrir o espírito a tudo a que o homem fez de bom ao longo dos séculos. Ver, conhecer, admirar. O mundo está à vossa espera. Viajem!

— Para viajar é preciso tempo e dinheiro — arriscou a Felícia.

— Tens razão. Mas enquanto não se reúnem as condições indispensáveis a uma bela viagem, há que aproveitar as alternativas. Algumas estão abertas ao público, vale

a pena procurá-las. Já lhes dou duas moradas que talvez vos interessem.

Olhou o relógio, estava na hora de terminar a aula, virou-se para o quadro e escreveu:

*CCCM – Rua da Junqueira 30*
*MNAA – Rua das Janelas Verdes.*

Depois arrumou os papéis na pasta e saiu. Os alunos enfiaram os dossiês nas mochilas e saíram também, uns a comentar a sugestão dada, garantindo que não podia deixar de ser um código, outros a falarem dos mais diversos programas que se preparavam para fazer ao fim da tarde. Por acaso, junto ao portão da escola, Aida e Tomás voltaram a ver o professor que se dirigia ao parque de estacionamento. Acenaram-lhe e ele, antes de entrar no carro, lembrou:

— Amanhã é sábado. Se puderem passem por um dos lugares que vos recomendei. Ambos proporcionam experiências incríveis.

## CAPÍTULO III

# No porão do *Navio Negro*

Como a Aida e o Tomás moravam perto da rua da Junqueira, foram logo à internet ver que tipo de lugar existia afinal no número 30. O que encontraram não lhes soou aliciante.

— Centro Científico e Cultural de Macau? Não me parece que possa proporcionar experiências incríveis.

— Pelo menos a nós. Mas, como o professor nasceu em Macau, talvez seja ali que mata saudades.

— Isso que disseste deixou-me curioso porque não sei como é que se mata saudades num centro científico.

— Se quiseres passamos por lá e damos uma espreitadela rápida.

— Boa. Amanhã, depois do almoço, fazemos uma visita relâmpago a esse CCCM.

Seriam umas três da tarde quando iniciaram a caminhada pela rua da Junqueira absolutamente decididos a não perderem mais de dez minutos com a visita. Mas nada correu como tinham planeado porque o número 30, em vez de dar acesso a um prédio, dava acesso a uma espécie de túnel e debaixo do túnel estava o professor Pedro Sun, vestido de preto, sério e enigmático como sempre,

assemelhando-se mais do que nunca à figura de um treinador ou de um maestro.

Surpreendidos, cumprimentaram-no e ele fez sinal para entrarem, dizendo.

— Estava à vossa espera. Tinha a certeza de que viriam.

Nenhum deles ousou perguntar porquê e seguiram-no pelo túnel, atravessando depois um jardim interior, onde cresciam palmeiras, bananeiras, canas de bambu e outras plantas. Finalmente transpuseram a porta larga de um edifício antigo pintado de amarelo e lá dentro saltou-lhes à vista uma escada enorme, de degraus vermelhos, mas não subiram.

O professor retirou do bolso uma bola dourada em forma de noz, com uma cruz gravada e dois furos pequeninos. Fê-la rodar entre os dedos, abriu-a ao meio e entregou metade a cada um, recomendando:

— Se por acaso se perderem, basta encaixarem as duas partes para encontrarem o caminho de volta.

— É uma espécie de GPS? — perguntou o Tomás.

— De certo modo sim, porque tem a mesma função, orientar.

Falara sem sorrir, mas nos olhos negros houve um breve lampejo de ironia.

— Entrem, entrem que vão gostar da experiência.

Convencidos de que o interior do edifício se assemelharia a um labirinto tão intrincado que precisavam de um instrumento de apoio para voltarem para trás, contornaram a escadaria e afinal deram consigo numa sala estreita, banhada por iluminação suave onde estava em exibição

a gigantesca maqueta de um navio de casco negro, feita de maneira a deixar à vista o interior. E, no interior, além dos porões recheados de caixas, sacas, pipas e outros tipos de cargas, da imensidade de camaratas para alojar a tripulação e os passageiros, havia várias cobertas sobrepostas onde iam surgindo figuras humanas em miniatura, com roupas de outros tempos, a conversar umas com as outras num português antiquado. Como se ouvia o que diziam, registaram mentalmente uma frase, depois outra: *No caminho assaltaram-nos ventos fortes e ondas alterosas* [...]. *Já ando pelo mar há mais de vinte anos.* Não saberiam dizer há quanto tempo estavam ali, quando se começaram a sentir tontos, de cabeça a andar à roda, músculos a fraquejar. Aida agarrou o braço de Tomás, ele tentou segurá-la e a última coisa que viram antes de perderem os sentidos foi o enigmático sorriso do professor Pedro Sun.

Recuperar a consciência demorou o seu tempo e não foi fácil. Aida estranhou o ambiente abafado e não percebeu onde estava, porque não havia luz. Tateando o espaço em volta, pareceu-lhe que se encontrava estendida num colchão de palha. Aflita, chamou:

— Tomás! Estás aí, Tomás?

— Estou — respondeu ele com voz sumida —, mas não te vejo.

— No minuto seguinte agarrava-lhe um pé.

— És tu, Aida?

— Sou.

A pouco e pouco, os olhos foram-se habituando à escuridão, sentaram-se e distinguiram na penumbra os

vultos um do outro, desgrenhados e encavalitados em sacas semelhantes às da maqueta do navio, mas em tamanho real.

No primeiro momento ocorreu a ambos que talvez estivessem a viver a tal experiência incrível de que lhes falara o professor.

— Deve ser um truque — balbuciou Aida.

— De magia?

— Não, científico.

— Não há truques científicos. O que há são experiências científicas.

— Pois. Se calhar, aqui neste centro têm tudo preparado para criar a ilusão de que a maqueta cresceu e engoliu os visitantes.

— Se for isso está feito com grande realismo porque o chão balança imenso.

— E ouvem-se rangidos de madeira.

— Só é pena que enfiem os visitantes no porão.

— Também acho. Podiam ter-nos colocado numa cabina confortável.

— Eu também preferia. Mas talvez a ideia seja obrigar as pessoas a procurar caminhos por dentro do navio. E é o que vamos fazer.

Tomás erguera-se e olhava em volta.

— Tem de haver uma escada, vamos procurar.

— Está ali ao fundo — disse a Aida, apontando uns degraus de madeira na vertical e sem corrimão que terminavam num buraco quadrado, nada convidativo.

— Não sei se consigo subir aquilo.
— Consegues. Anda, ajudamo-nos um ao outro.

Tomás pegou-lhe na mão e lá foram por entre sacas, pipas e caixotes, procurando não tropeçar nem cair porque o chão lhes balançava cada vez mais debaixo dos pés. Quando estavam quase a alcançar o primeiro degrau, o balanço foi tal que por pouco não os derrubava.

— Cuidado! Segura-te!
— Onde?
— À corda! Está aqui uma corda!

De facto, ao lado da escada, pendia uma corda grossa.

— Professor Pedro — gritaram em coro. — Ajude-nos!

Se houve resposta foi abafada pelo ruído intenso do vento forte e das ondas em fúria.

— Tomás — gaguejou Aida. — Não sei se isto é uma experiência digital muito realista ou se... se...
— Ou se por artes desconhecidas passamos da maqueta ao verdadeiro navio e estamos a navegar.

Assustados, chamaram outra vez pelo professor, mas como não o ouviram, Tomás entrou em pânico.

— Desapareceu. Não veio, atirou-nos para aqui e não veio.
— Não acredito — disse Aida para acalmar o amigo e se convencer a si própria. — Deve estar à nossa espera lá em cima. Vamos procurá-lo.

De estômago apertado e cabeça a andar à roda, iniciaram a subida que lhes proporcionou mais uma sensação pouco agradável, a de sentirem a madeira na sola dos pés.

— Estamos descalços.

— Isso não importa. Depois procuramos os sapatos. Agora sobe, Tomás, sobe!

Do porão inferior passaram a um outro igualmente escuro e atafulhado de caixotes. E dali a uma zona que certamente era usada como dormitório porque tinha uma infinidade de prateleiras compridas onde se viam mantas e sacos de pano tipo almofadas. Finalmente emergiram no convés. A luz do Sol encandeou-os por instantes, uma onda mais violenta embateu no casco e lançou-lhes em cima flocos de espuma. Instintivamente limparam a cara, mas na boca ficou-lhes um sabor inequívoco a água salgada. Ainda atordoados, agarraram-se à base de um mastro e olharam em volta. O que viram deixou-os abismados. O professor estava ali, vestido de maneira estranha e multiplicado por seis, pois o que tinham pela frente eram seis figuras com as mesmas feições.

A primeira reação de ambos foi de susto, a segunda foi de esperança, porque não há nem nunca houve maneira de reproduzir seres humanos de carne e osso em série, mas virtualmente é possível.

— Estamos a ser cobaias de uma experiência tecnológica muito inovadora — concluiu o Tomás.

— Por que raio o professor Pedro Sun nos escolheu a nós?

— O melhor é perguntar-lhe.

Mais confiantes, aproximaram-se do grupo de sósias, quase divertidos por serem obrigados a descobrir qual das figuras era a original.

## CAPÍTULO IV

# A bordo do *Navio Negro*

A desilusão foi tremenda, um verdadeiro choque que os deixou petrificados. Afinal os seis homens com feições chinesas eram apenas parecidos entre si e depressa perceberam que o professor não estava entre eles. Eles é que estavam entre muitos outros, que iam surgindo de todos os lados, a executar as mais diferentes tarefas ou simplesmente a conversar. Marinheiros descalços, de roupa larga e barrete enfiado na cabeça, padres com vestes pretas até aos pés, alguns de cruz ao peito e outros indivíduos de aspeto distinto, que envergavam roupas de boa qualidade, com cores variadas, todos ou quase todos de botas, todos ou quase todos de barba e bigode. O mais alto desse grupo vestia de escuro e transportava ao ombro um pequeno macaco de rabo comprido.

Pobres ou ricos, trabalhadores ou viajantes, via-se pela cor da pele, pelas feições, pelo tipo de cabelo que eram oriundos de várias partes do mundo. Circulavam pelo convés aparentemente sem estranharem ou sequer repararem na presença deles os dois.

— Estaremos invisíveis?

— Não. Estamos é iguais a eles. A máquina que nos projetou para aqui, seja lá de que tipo for, vestiu-nos de marinheiros, por isso é que ficámos descalços.

Tomás olhou-se de alto a baixo e constatou que assim era.

— Já agora podiam ter-nos vestido de grandes senhores.

— Talvez não — disse Aida —, porque pelo que vejo não há mulheres a bordo. E, se não há, convém-me ter o barrete para esconder o cabelo.

O mar serenara, o sol aquecera, o ar húmido e quente quebrara-lhes a energia. Deixaram-se ficar encostados à amurada em silêncio, a observar as atividades a bordo, verdadeiramente exaustivas para os marinheiros, que limpavam tábuas, enrolavam cordas, subiam aos mastros, ajeitavam as velas, obedeciam a ordens, numa azáfama constante.

— Se não sairmos daqui ainda nos põem a trabalhar.

— Por mim, basta de experiência exótica. Vamos embora, Tomás.

— Como?

— Com a geringonça que nos deu o professor Pedro. Agora já percebo para que serve, temos de juntar as duas metades da noz.

Aida enfiou a mão no bolso, de coração apertado, receando que as peças tivessem desaparecido com a mudança de traje, mas o pedaço de noz dourada e rija lá estava, afagou-a antes de a retirar bem segura entre os dedos.

— Dá cá a tua metade — pediu.

Tomás entregou-lha. Aida observou as duas partes para tentar encaixá-las à primeira, mas no momento de

o fazer ouviu um guincho, ergueu a cabeça e viu, horrorizada, o maldito macaco roubar-lhe as peças. Só não gritou porque perdeu a voz. Felizmente o macaco, que regressava para junto do dono aos pulos, deixou cair os objetos que, provavelmente, só o tinham atraído por rebrilharem ao sol. Tomás precipitou-se a recuperar a sua metade e esteve quase a deitar-lhe a mão, mas o homem, que vieram mais tarde a descobrir ser o capitão-mor, também foi atraído pelo brilho inesperado de uma joia a rolar pelo convés, pegou-lhe, ficou perplexo e comentou em voz alta.

— Isto é de ouro. Como é que veio aqui parar?

Como nenhum dos companheiros o pôde esclarecer, resolveu guardá-la e meteu-a numa bolsa que tinha presa no cinto.

Tomás ficara especado a olhá-lo, sem coragem para reclamar a posse do objeto perdido, pois se o fizesse corria o risco de lhe perguntarem quem era, o que estava a fazer a bordo e onde roubara a joia, pois marinheiros pobres não viajavam com ouro nos bolsos. Aida aproximou-se, puxou-o por um braço e levou-o dali.

— Não desesperes. Foi um azar, mas nós safamo-nos.

— De que maneira?

— Ainda não sei, temos de combinar. Há de haver uma estratégia para deitar a mão aquela bolsa.

— E a outra metade?

— Rolou para o lado da proa e foi apanhada pelo padre que usa uma cruz de bronze ao peito.

— Então precisamos de dois estratagemas.

— Exato. Agora disfarça, para não chamares a atenção sobre nós. O melhor é pormo-nos a trabalhar para disfarçarmos a atrapalhação.

Decidida, pegou num balde e juntou-se aos rapazes que andavam de joelhos a esfregar as tábuas de um recanto do convés. Eles receberam-na bem porque quem trabalha no duro sempre gosta de ver chegar ajudantes. E ela, para se fazer simpática, falou-lhes engrossando um pouco a voz.

— Faltará muito para chegarmos ao destino? — perguntou à toa.

— Com sorte, amanhã entramos no porto de Macau — respondeu-lhe um magricela, de olhos azuis risonhos e cabelo espetado. — E eu todo contente porque vou ter com a minha namorada chinesa.

— Que grande peta — disse o que estava ao lado, um bochechudo de nariz curto e expressão cómica. — Nunca lá foste e já lá tens namorada!

O trabalho prosseguiu, em ambiente de risota amigável, que ajudou Aida a descontrair. Quanto ao Tomás, debatia-se com as extremas dificuldades de um desafio inesperado porque o mestre dos marinheiros o chamara para subir ao mastro e substituir o homem que estava de vigia no cesto da gávea. E ele lá foi, lutando contra o medo, mas apostando em sair-se bem e a superar uma prova que nem em sonhos fizera parte dos seus projetos de vida.

À medida que ia subindo, os pensamentos que lhe ocorriam iam variando.

— Já sei o que sentem os bombeiros quando têm de ir salvar alguém no andar mais alto de um prédio... já sei o que sentem os homens que fazem telhados...

Ao olhar para baixo, o navio pareceu-lhe mais pequeno e as pessoas também, bem como os problemas. Empoleirado a muitos metros de altura, rodeado pela imensidão azul do oceano, sentiu-se invadido por sensações novas de autoconfiança, entusiasmo, otimismo. Quase a alcançar o cesto da gávea, ainda pensou: «Já sei o que sentem os trapezistas.»

Depois concentrou-se na manobra de troca de lugar com o marinheiro que até então estivera ali de serviço. Ruivo e sardento, satisfeito por ver terminado o turno.

— Já não era sem tempo, estou cheio de fome e preciso de dormir. Mas tenho alguma inveja de ti.

— Porquê?

— Porque este é o cesto da gávea do mastro principal e quem está aqui acaba por ser sempre o primeiro a ver terra. Com sorte, serás tu quem daqui a algumas horas vai gritar: *Terra à vista!*

## CAPÍTULO V

# Nos mares da China

Terminados que foram os trabalhos de limpeza no convés, Aida desceu com os novos amigos até ao recanto do navio onde eles comiam e, além de continuar a fazer-se simpática, orientou a conversa de modo a obter as informações de que precisava para gizar os seus planos. E também se manteve alerta, para não ser apanhada em contradições se a bombardeassem com perguntas. Ora perguntas não faltaram. Quem era? De onde vinha? Por que motivo só agora lhes aparecia na frente?

A imaginação, que nunca lhe faltara, ajudou-a a encontrar respostas prontas. Disse que se chamava Gil, que era a sua primeira viagem, e que tinha andado à toa pelo navio porque subira a bordo no último porto onde o navio fundeara.

— Então és de Malaca? — perguntou o rapaz de olhos azuis.

— Sou. Nasci em Malaca, filha de pais portugueses que vivem lá.

Na intenção de evitar questões que a embaraçariam, compôs uma expressão melancólica e pediu.

— Não me obriguem a falar da minha família, está bem?

A maneira como naquele momento representou o papel de alguém que prefere esquecer problemas familiares complicados faria inveja à colega Felícia que tanto queria ser atriz. Os parceiros trocaram olhares de compreensão e passaram-lhe bocados de comida que, noutras circunstâncias, talvez não conseguisse engolir, mas a fome era tanta que tudo lhe soube a manjar dos deuses. Apesar do cansaço, a conversa prosseguiu mesmo depois de cada um se ter estendido sobre as sacas de palha que lhes serviam de colchões. Palavra puxa palavra, ficou a saber que para o rapaz dos olhos azuis, o José, aquela era também a primeira vez que navegava naqueles mares. Mas o «Bochechas» que já andava embarcado há tempos, conhecia bem as rotas e os propósitos daquele tipo de navio.

— A viagem começa sempre na Índia, na cidade de Goa, que é uma terra de sonho. Se eu pudesse vivia lá, e um dia hei de viver, porque adoro florestas, é fácil arranjar madeira para fazer uma boa casa e ainda há outro motivo mais importante.

— Qual é?

— As mulheres são lindas. Já tive uma debaixo de olho, pena que a casassem com um primo.

Aida não o deixou ficar por ali.

— E sem ser agora, se tivesses de escolher outro porto visitado por este navio, qual é que escolhias?

— Hum... desculpa lá porque é a tua terra, mas para mim Malaca não servia.

— Então escolhias qual? — insistiu ela para ficar a saber que outras terras visitariam.

— Não tinha muito por onde escolher, só paramos em Macau, onde devemos estar a chegar.

— E onde deixei uma namorada chinesa a chorar por mim — repetiu o José na brincadeira.

— Pois. Sem nunca lá teres ido, a rapariga já se afogou em lágrimas. O melhor é preparares-te para arranjar namoro em Nagasáqui.

— Nagasáqui no Japão? — murmurou Aida num tom propositadamente interrogativo, mais uma vez para obter o esclarecimento que desejava.

— Sim, a viagem termina nessa cidade do Japão. Já lá estive e gostei imenso. Os japoneses gostam de nós e recebem-nos muito bem. Sabes como é que chamam ao nosso navio? *Kurofuné*, que significa navio negro. Isto de navegar num navio enorme, recheado de tesouros para trocar e vender, que leva canhões a bordo, é considerado invencível e recebeu o nome de *Navio Negro*, faz-me sentir um grande aventureiro.

Bocejava, espreguiçou-se, declarou:

— A conversa está boa, mas agora vou dormir.

José também tentou adormecer. Aida utilizou estratagemas subtis para o manter acordado e, por entre bocejos e risos, conseguiu sacar-lhe duas informações vitais para poder esboçar os planos de recuperação da peça indispensável ao regresso a casa: o homem do macaco que metera uma metade da noz no bolso do cinto era o capitão-mor; tinha um camarote só para ele no castelo da popa, pertencia a uma família da alta nobreza e era tão comilão, tão guloso, que o cozinheiro privativo pedia receitas a torto

e a direito para lhe poder agradar. Quem as tinha não lhas negava e todos se espantavam que, comendo tanto, o capitão-mor continuasse magro.

Os padres que iam a bordo eram jesuítas. Alguns tinham como destino a China, outros o Japão.

— Em Macau vão todos a terra — dissera José. — Alguns ficam lá, outros seguem viagem para Nagasáqui.

Aida fingiu-se pouco interessada nesse assunto e até já dera as boas noites com um suspiro quando atirou a última pergunta ao ar:

— Só um é que usa cruz de bronze ao pescoço. Sabes porquê?

— Não. Só sei que se chama Cristóvão. Disseram-me que já esteve várias vezes no Japão, aprendeu a falar japonês e agora volta para lá. Todos gostamos dele porque nos trata bem.

«Pronto», pensou Aida, entregando-se finalmente ao cansaço, «com estas dicas, hei de engendrar um plano com o Tomás. Amanhã falamos.»

Cerrou as pálpebras e mergulhou no sono mais depressa do que desejava.

*

O cozinheiro privativo do capitão-mor tinha nome de batismo como todos os cristãos, Alberto, mas toda a gente o tratava apenas por Beto. Atarracado, de pele escura e grande pança, suscitava simpatia entre os que com ele lidavam por estar sempre bem-disposto. Ninguém sabia ao certo que idade tinha, no entanto, os caracolinhos grisalhos que lhe cobriam a cabeça indiciavam um bom par

de anos neste mundo. O que ele mais gostava de fazer na vida era cozinhar: e se cozinhava bem! Quanto à sua outra paixão, o canto, desconcertava quem o ouvisse, pois apesar da voz roufenha e até um pouco áspera, seduzia a pontos de haver marinheiros que arrastavam o serviço para continuarem a desfrutar das suas melodias.

Aida não teve dificuldade em saber qual era o compartimento onde ele trabalhava e para lá se dirigiu calmamente pois já se apercebera de que aquele navio enorme e a abarrotar de gente, permitia uma certa liberdade de movimentos. E até foi tudo mais fácil de que antecipara, porque o ajudante de Beto adoecera na véspera e ele exultou quando a viu aparecer.

— Ora ainda bem que me mandaram outro ajudante! Chega-te aqui para a banca, rapaz, que não temos mãos a medir.

Estendeu-lhe um facalhão e ordenou com bons modos:

— Trata de cortar esse naco de carne em tiras muito fininhas. Ficou de molho desde ontem para perder o sal, está no ponto certo para fazermos o arroz de carne e feijão preferido do capitão.

A rima espevitou-lhe logo o desejo de cantar e trauteou com graça:

*Arroz de carne e feijão,*
*um belo petisco para o nosso capitão...*

Aida endereçou-lhe um sorriso aprovador, depois concentrou-se na tarefa que lhe fora confiada, procurando espiá-lo de soslaio. Quanto mais observava, mais simpatizava com ele.

— Vai ser canja — murmurou sem querer.

— Canja? Não. Hoje é caldo de carne — respondeu-lhe o cozinheiro com um sorriso de orelha a orelha. — Caldo feito como a minha mãe me ensinou lá em terras de Cabo Verde.

— Você é de Cabo Verde?

— Pois sou. Nascido e criado na ilha de Santiago.

De novo rimou, de novo cantou prazenteiro, pelos vistos todos os pretextos lhe serviam para embalar em cantorias.

Desta vez Aida balançou o corpo ao ritmo da canção e sorriu como se aquela música a encantasse. Depois esperou pacientemente que ele fosse espevitando as brasas para acabar os cozinhados e só quando lhe pareceu oportuno abordou a conversa que trazia preparada na ponta da língua.

— Eu também gosto muito de cozinhar e tornei-me especialista em doces conventuais porque vivia perto de um convento onde a minha madrinha era freira. Sempre que a visitava, dava-me doces e também me dava as receitas.

Alberto reagiu prontamente.

— Lembras-te dessas receitas?

— Lembro.

— Então vais deitar mãos à obra e fazer uma sobremesa porque o nosso capitão é muito guloso. Há ali açúcar, mel, ovos frescos, das galinhas que tenho a bordo. Procura na despensa e usa o que precisares.

Na verdade, Aida só sabia fazer os ovos moles que aprendera com a avó quando fora passar férias com ela

em Aveiro. E foi isso que fez aplicadamente e a pedir a todos os santos que o petisco lhe saísse bem. Quando os ovos moles ficaram prontos, Alberto provou um pedacinho minúsculo e teve de fazer um esforço enorme para resistir à vontade de comer mais, mas não comeu porque encasquetara na cabeça que não devia aproveitar-se do posto para se banquetear com os mantimentos destinados ao capitão-mor. Quando muito atacava os restos, infelizmente escassos ou nenhuns.

À conta da boa conversa, do interesse demonstrado pela culinária, da aprovação da cantoria e das invenções de última hora sobre uma madrinha inexistente, gerou-se grande cumplicidade entre o cozinheiro e o novo ajudante. Cumplicidade que permitiu a Aida oferecer-se para ajudar a levar pratos e travessas ao camarote do capitão-mor, onde se sentiu protegida pelos deuses, pois o capitão-mor ausentara-se por qualquer motivo e deixara a bolsa em cima da mesa. Um turbilhão de pensamentos entrelaçou-se-lhe de imediato no espírito, formando novelos de tal forma intrincados que não conseguia saber como proceder. Mas, se tinha ali o que procurava à mão de semear, não podia desperdiçar a oportunidade.

«É agora ou nunca, é agora ou nunca», pensava, estática, sem mexer sequer os músculos da cara.

Alberto chamou-a.

— Então, rapaz? Pasmaste?

— Não, não, vou já atrás de si.

Estendeu o braço direito para lhe dar passagem, ele saiu sem a mínima desconfiança e então ela, num ápice,

abriu a bolsa, pestanejou diante das moedas de ouro e prata que viu lá dentro e apoderou-se da meia noz com um gesto rápido. Quando saiu do camarote suava em bica, tremiam-lhe os joelhos, por alguns instantes viu tudo tão turvo como em dias de nevoeiro. Para agravar a situação, cruzou-se com o capitão-mor que caminhava em sentido contrário, direto ao camarote, certamente para almoçar ou talvez para ir buscar a bolsa.

De olhos baixos para que ele não a reconhecesse caso desse pela falta da meia noz, precipitou-se pela escada abaixo sem saber para onde ia, sem saber onde se esconder.

Ao irromper pelo convés tinha o coração de tal forma acelerado que receou cair fulminada por um ataque cardíaco.

De súbito, porém, o ambiente a bordo sofreu uma reviravolta de cento e oitenta graus porque nos três cestos da gávea três vozes gritaram em uníssono.

— Terra à vista!

## CAPÍTULO VI

# Meia noz dourada

Tomás desceu para o convés eufórico e ansioso por descrever à colega as incríveis e arrebatadoras emoções que vivera no cesto da gávea, mas não pôde fazê-lo porque a encontrou semioculta atrás de umas pipas, indisponível para ouvir fosse o que fosse e a dizer em voz baixa:

— Vem comigo, vem comigo. Temos de nos esconder.

Sem mais explicações, arrastou-o para uma zona escura de um porão atafulhado de sacas, só parou quando lhe pareceu que tinham encontrado o esconderijo ideal e então respirou fundo uma e outra vez, a tomar fôlego para falar. Tomás compreendeu que devia dar-lhe tempo para se recompor e dominou a impaciência. A certa altura, porém, não aguentou mais e perguntou-lhe:

— O que é que se passa?

Ela abriu a mão e mostrou-lhe a meia noz.

— Fantástico, Aida! Resolveste metade do nosso problema!

— Resolvi metade e arranjei um inteiro, porque roubei a peça da bolsa do capitão.

— Não roubaste nada. Isso não é dele, é nosso.

— Pois é. Mas o capitão-mor não sabe. E se der pela falta, estou tramada.

— Ele viu-te?

— Viu e não viu. Cruzei-me com ele à saída do camarote, não tenho a certeza se reparou em mim, baixei a cabeça e fugi logo a sete pés.

— Então está o assunto arrumado.

— Estaria, se ninguém soubesse que eu estive no camarote. Só que há uma testemunha.

— Quem?

— O cozinheiro.

— O cozinheiro conhece-te?

— Aida encolheu os ombros e abanou a cabeça.

— É uma história comprida que depois te conto. Agora o mais importante é passar-te a meia noz. Como estiveste no cesto da gávea, se o capitão-mor der pela falta da peça, pode desconfiar de todos menos de ti.

— Tens razão. Dá cá.

— Onde é que tencionas guardá-la para não a voltarmos a perder?

— No bolso?

— É melhor cosê-la por dentro da tua roupa.

— Com quê?

— Agulha e linha. Eu fico aqui escondida e tu vais procurar quem tenha esse material. Os que tratam das velas devem ter. Vá, despacha-te, sim?

— Está bem, está bem.

Ansioso por resolver o assunto, saiu do porão pendurado na corda e a saltar os degraus a dois e dois. Para não

suscitar desconfianças, no convés procurou mostrar-se descontraído, perguntou aqui e além, depressa obteve o que precisava, voltou para baixo.

— Pronto, aí tens o que pediste. A agulha é grossa, mas deve servir.

— Anda cá, chega-te a mim. Apesar de não ser habilidosa em costuras, conseguiu prender-lhe a meia noz por dentro das calças, ao nível da cintura. Mal terminou, devolveu-lhe os materiais, espreguiçou-se e de novo encheu o peito de ar, expirando em seguida devagarinho para recuperar a serenidade possível.

— Falta a outra metade — lembrou Tomás.

— Quem a tem é um padre que se chama Cristóvão.

— Como é que sabes?

— Fiz amigos ontem à noite e fiquei a saber uma data de coisas.

— Esses amigos serão tipos para nos ajudarem?

— Que ideia, Tomás! O que é que lhes dizíamos? Que queríamos roubar o padre?

— Tens razão. Então o que fazemos?

— Só vejo uma hipótese relativamente segura. Eu fico aqui escondida até o navio parar, que só para em Macau. Tu vais lá para cima, fisgas o padre que usa a cruz de bronze ao peito. Metes conversa e tentas descobrir onde é que ele guardou a meia noz para lha tirares. Se não conseguires, não o perdes de vista. Quando as pessoas começarem a sair do navio em Macau eu aproveito a confusão, vou ter contigo ao pé do mastro onde subiste e havemos de desembarcar disfarçadamente atrás dele.

— Se ele desembarcar.

— O José disse-me que desembarcam todos. Depois em terra logo se vê o que fazemos.

— O plano é bom, mas pode falhar. E a solução é encontrar alternativas. Alinhas?

— Claro que alinho. Aliás, não tenho outro remédio.

Antes de regressar ao convés, afagou-lhe a cabeça e tentou encorajá-la com um: «até breve».

Breve é que a espera não foi. Sozinha, encaixada entre as sacas, quase sem luz, sem comida, sem água, os segundos valiam por horas. Para não entrar em desespero, concentrou-se nos sons e nos cheiros que lhe faziam companhia, procurando identificá-los um a um. Vozes ao longe: ordens? Discussão? Simples conversa entre parceiros? O odor que lhe invadia as narinas: mofo e acidez? Pano húmido, podridão? A lista seria infindável, quem lhe dera adormecer e só acordar quando tudo estivesse terminado. Ou então, ainda melhor, acordar na sua cama porque tudo não passara de um sonho.

— Sonho interminável, sonho não é.

Em todo o caso, beliscou-se para ter a certeza de que realmente navegava rumo à China sem saber como nem porquê. Nesse momento voltou-lhe à ideia a hipótese de ela e o Tomás terem sido eleitos como cobaias para uma experiência científica, inovadora e radical. O que paradoxalmente a acalmou, pois se não conseguissem recuperar o instrumento que lhes permitia o regresso a casa, os cientistas não iam deixá-los abandonados noutra época, em terras longínquas.

«Estão é a demorar muito a tomar a decisão de nos repescar», pensou, mas logo uma outra ideia se sobrepôs. «Teriam realmente iniciado aquela estranha viagem há muito tempo?» As palavras do Pedro Sun na aula de Matemática ressoaram-lhe na mente *o tempo é relativo*. Que teria querido dizer-lhes nessa ocasião? Ou lembrar-lhes? Porque na verdade todos sabiam que numa situação agradável o tempo voa e, em situações penosas, penosamente se arrasta.

— O Tomás deve ter ido lá para cima há dez minutos e parece-me que foi há horas. Onde é que ele andará?

Por sorte, o padre Cristóvão, além de comunicativo e de espírito aberto, tinha uma maneira muito própria de conversar, pois acolhia de bom grado qualquer pessoa e qualquer tema, fazia sempre imensos comentários acompanhados de perguntas às quais ele próprio dava logo várias hipóteses de resposta, o que com frequência se traduzia em revelações para o interlocutor.

Tomás vira-o encostado à amurada na coberta junto à proa, de olhos postos no recorte das costas da China. Aproximara-se e metera conversa com naturalidade.

— Já se avista Macau?

— Não se avista, mas adivinha-se. Por trás daquela neblina não tardam a aparecer casas e as torres das igrejas que ficam no topo das colinas.

— Nunca estive por estas bandas, sabe? Embarquei a pedido da minha mãe.

— Para ganhares a vida?

— Também. Mas no fundo, o que ela quer é saber do irmão que veio para Macau e só uma vez deu notícias.

— Sabes onde ele vive?

— Sei — mentiu o Tomás. — Vive em Macau perto das casas dos padres.

— Quais padres? Franciscanos? Dominicanos? Ou jesuítas como eu?

— Jesuítas — mentiu de imediato.

— Ah! Então vai ser fácil. Quando desembarcarmos, vens comigo e eu ajudo-te a procurá-lo. Aparece no convés ao nascer ao Sol.

— Apareço com certeza, obrigado.

Por um breve instante hesitou em dizer que apareceria com um companheiro de viagem, mas desistiu para não abusar da sorte e por ter medo que o padre Cristóvão lhe perguntasse se era irmão, primo, ou apenas vizinho na terra de origem.

Radiante da vida, regressou ao porão para festejar com Aida o sucesso das suas diligências. Ela também ficou contente, mas deitou água na fervura.

— Estabelecer contacto com o padre Cristóvão, estabeleceste. Falta saber onde é que ele guardou a meia noz dourada e como havemos de lha tirar.

— Calma, Aida. Isso fica para amanhã, em terra.

## CAPÍTULO VII

# Na Missão de Macau

Às primeiras horas da manhã seguinte o *Navio Negro* realizou as manobras indispensáveis para ancorar em segurança em frente de Macau. As extraordinárias dimensões daquele navio não permitiam que se aproximasse o suficiente para desembarcar pessoas e mercadorias diretamente em terra, e sendo assim havia que recorrer aos muitos batéis a remos alinhados à espera de serviço. O vaivém, bastante animado, colorido e barulhento, prolongou-se durante algum tempo. Tomás e Aida não se impacientaram por estarem entretidos a assistir a tudo debruçados na amurada, mas sempre de olho nos padres jesuítas que aguardavam vez um pouco adiante.

A certa altura o capitão-mor saiu do seu camarote e dirigiu-se ao convés por onde se efetuava o desembarque. Aida encolheu-se, receosa, sem razão pois ele só tinha olhos para o grupo que viera recebê-lo numa atitude de grande deferência. Era óbvio que queria impressioná-los, não só a eles como a todos os que estivessem no cais, por isso mesmo envergara traje de gala e cobrira a cabeça com um chapéu preto de aba larga que, embora tivesse a vantagem de o proteger do sol, parecia completamente

desadequado ao calor intenso e húmido que ali se fazia sentir.

— Vai chegar a terra com os miolos estufados — murmurou o Tomás. — Porque será que se veste assim?

O mestre dos marinheiros que estava ao pé deles ouviu-o, achou graça e explicou:

— Porque o poder também exige sacrifícios. O capitão-mor desta viagem é quem manda em todos os portugueses que vivem aqui ou que aqui estão de passagem. Se se apresentasse de camisa aberta, para refrescar, não impunha respeito. Agora assim, todo pomposo, vejam lá como é recebido.

Apontava-lhes os homens que o cumprimentavam às vénias, aos salamaleques, como se fosse um rei.

O cerimonial aliviou Aida, pois não dava margem a que ele perdesse tempo a pensar no pedacinho de metal dourado que lhe desaparecera da bolsa, se é que dera pela sua falta. Em todo o caso, foi com agrado que o viu descer a escada e tomar lugar num batel engalanado com bandeiras.

— E agora Tomás?

— Agora vou pedir ao padre Cristóvão que me leve com ele. A mim e a ti, que és meu amigo desde que nasceste.

Fez menção de avançar, recuou e puxou-a por um braço.

— Preciso de um nome para te apresentar.

— Gil. Aqui, chamo-me Gil.

Pouco depois desembarcavam em Macau e quase se perdiam do protetor devido à quantidade de pessoas em movimento, na sua maioria chinesas, ou pelo menos

asiáticas, uns quantos africanos, uns quantos europeus, todos ocupados nos mais variados tipos de tarefas e a falarem línguas diversas. Aqui e além soavam frases em português. Só então se tomaram consciência de que tinham viajado com gente de diferentes partes do mundo, que certamente também falavam entre si línguas para eles desconhecidas. O que talvez não tivessem notado por estarem atordoados com a situação.

O padre Cristóvão seguia à frente com os outros jesuítas e, de vez em quando, virava-se para trás a certificar-se de que eles o seguiam. E eles gratos mas incomodados, pois por muito bem que os tratasse, teriam de lhe vasculhar a bagagem para surripiar a meia noz e depois desaparecerem sem se despedir.

A casa para onde se dirigiam ficava no topo de uma colina onde os jesuítas tinham erguido uma igreja e o colégio de São Paulo.

Os viajantes foram acolhidos com alegria pelos companheiros que os esperavam, e como ninguém pareceu estranhar a presença dos dois jovens marujos, Tomás e Aida concluíram que talvez fosse costume darem pousada a quem precisasse.

No entanto comportaram-se de forma discreta para não se tornarem o centro das atenções e poderem resolver o problema de forma rápida e eficaz. Vendo o padre Cristóvão em alegre cavaqueira com os residentes, Tomás entendeu por bem deitar mão aos sacos de lona que lhe pertenciam e, com um sorriso, oferecer-se para os transportar.

— Levo a bagagem ao seu quarto. Diga-me onde é, que ponho lá tudo.

O padre aceitou e até agradeceu. Aida juntou-se ao amigo, pegou num dos sacos e juntos dispararam na direção que lhes fora indicada.

— É a terceira porta, a terceira porta, mexe-te!

Alvoroçados, enfiaram-se num pequeno compartimento onde só havia cama, mesa, cadeiras, dois baús e um crucifixo pendurado na parede.

Convencidos de que a peça só podia estar num dos sacos, despejaram-nos em cima da cama e remexeram em tudo numa lufa-lufa, cada vez mais enervados não só por não encontrarem o que queriam mas também por medo de serem apanhados.

— Se veem o que estamos a fazer, expulsam-nos.

— E nunca mais podemos chegar perto do padre Cristóvão.

Um ruído do lado de fora deixou-os sem pinga de sangue. Hirtos como estátuas prepararam-se para o pior. Felizmente quem lá vinha seguiu caminho. Quando repuseram tudo nos sacos, Aida estava roxa e Tomás estava verde, mas voltaram para a sala onde já se comia na maior animação.

— Venham para aqui! — chamou o padre. — Vocês estão com péssimo aspeto. Precisam de uma boa refeição. A seguir vão ter com o padre Joel para vos dar sapatos, há por aí alguns de vários tamanhos.

As conversas prosseguiram, cruzando-se e atrapalhando-se porque uns pediam notícias e outros queriam dá-las, mas não necessariamente sobre os mesmos assuntos. Calados que nem uns ratos, procuraram não perder

pitada do que dizia o padre Cristóvão na esperança de que por um motivo ou por outro deixasse no ar uma pista que lhes facilitasse o acesso ao lugar onde guardara a meia noz. O problema era a vozearia cada vez mais alta, entrecortada por exclamações, gargalhadas, pelo ruído de bancos de madeira a serem arrastados, pelo entrechocar das loiças. Ainda assim conseguiram aperceber-se de que a maioria dos residentes naquela missão ansiava por notícias da família, dos amigos, do país e até do papa. E mostravam-se especialmente felizes os que recebiam cartas, mesmo sabendo que tinham sido escritas muito tempo antes da chegada do navio e que tudo o que estava escrito podia estar desatualizado ou já nem corresponder à verdade.

O jesuíta que se sentara em frente do padre Cristóvão era um velho de cara redonda, barba e cabelo branco, olhos miudinhos, vivos e brilhantes. Pelo que dizia, concluíram que se instalara na Missão de Macau há vários anos e ali desempenhava funções tão importantes que não se podia ausentar e não se ausentara nos últimos tempos. Concluíram também tratar-se do tipo de pessoa que nem se atrapalha com o peso da responsabilidade nem descura nenhum problema que precisa de ser resolvido. Naquele momento interrogava o padre Cristóvão sobre os presentes que tencionava oferecer aos dáimios quando chegasse ao Japão.

— Trouxe comigo da Índia umas garrafas de cristal lindíssimas. Comprei-as a um comerciante que acabava de chegar vindo de Lisboa e mas vendeu por bom preço.

— Oxalá não se tenham partido na viagem.

— Creio que não. Embalei-as eu próprio com palha e metia-as numa caixa de madeira que, em vez de mandar para o porão do navio, mandei colocar no meu camarote, onde estão em segurança.

A palavra «camarote» vibrou no espírito da Aida e do Tomás, que se já estavam atentos, mais atentos ficaram e ainda bem, pois as explicações seguintes destinadas àquele que parecia ser o mais importante dos padres jesuítas, para eles os dois representavam a almejada pista.

— E também levo medalhas — disse o padre Cristóvão. — Como sabe, os dáimios japoneses que se converteram ao cristianismo adoram símbolos religiosos e há um então que muito aprecia medalhas de santos. Tenho lá no camarote do navio uma boa quantidade para distribuir. Mas encontrei uma a rebolar nas tábuas do convés completamente diferente, diferente de todas as que já vi.

Deitou a mão ao pescoço, puxou para fora da roupa o fio onde transportava quatro ou cinco medalhas de prata, entre as quais balançava a meia noz em ouro, que mostrou ao parceiro dizendo:

— A forma é original e tem uma cruz gravada. Bonita não acha?

Os outros padres também quiseram ver. Tomás e Aida pensaram que talvez retirasse o fio do pescoço e o deixasse passar de mão em mão para que os companheiros observassem de perto a estranha peça. Se assim fosse, havia uma hipótese de a agarrarem e de a encaixarem logo ali na outra metade, desaparecendo ambos de imediato para

estupefação geral. Mas o padre Cristóvão limitou-se a esticar o fio e a recolher opiniões.

— Medalha não é — diziam uns.

— Mas se tem uma cruz gravada, foi feita por artista cristão.

— Desajeitado?

— Talvez. Há pessoas com boa vontade e sem habilidade nenhuma.

— Sabem o que me lembra? — perguntou o mestre jesuíta intrigado. — Metade de uma noz.

Aida e Tomás trocaram olhares a abarrotar de mensagens, sendo as mais fortes «o velho é esperto» e «estamos tramados». Mas ficaram outras duas a pairar: «Sabemos onde é o quarto do padre Cristovão.» «À noite tentamos uma operação relâmpago.»

## CAPÍTULO VIII

# No rio das Pérolas

O projeto de incursão noturna falhou em toda a linha porque quando acordaram já o sol brilhava no firmamento e o padre Cristóvão estava na igreja a celebrar missa. Desanimados, esperaram que terminasse, sem na verdade saberem o que haviam de fazer. E tudo se complicou ao pequeno almoço. Tal como na véspera, foram amistosamente chamados para junto do protetor, sentaram-se à mesa e ficaram siderados porque ele disse ao Tomás.

— Suponho que já andaste por aí à procura do teu tio, mas pela tua cara vejo que não o encontraste.

Ele limitou-se a abanar a cabeça tristemente.

— Não desanimes. Aqui as pessoas circulam muito, não está aqui, pode estar noutro lado.

Levou o copo à boca, bebeu dois goles e encolheu os ombros na atitude de quem se quer desculpar.

— Não posso é ajudar-te, sabes? Porque daqui a bocado tenho de ir para a feira de Cantão.

Tomás reagiu depressa e bem.

— Ele também foi! — disse num repente. — A única coisa que consegui saber é que o meu tio foi para a feira de

Cantão. Leve-nos consigo, padre Cristóvão! Depois lá, não o incomodaremos. Eu e o Gil cá nos arranjaremos. Por favor!

— Olhem que é longe.

— Não faz mal, não faz mal.

— Então está bem. Esperem por mim à porta da igreja para descermos juntos. Eu já lá vou ter convosco. Não demoro.

Aguardaram primeiro em pé, depois instalados na escadaria de pedra, olhando em volta, sem reparar no que viam e sem precisar de trocar impressões por estarem ambos a debater-se com as mesmas dúvidas: «Onde será a feira de Cantão? Que vai o padre lá fazer? Sem cavalos à vista nem carroças teremos de ir a pé?»

Entre essas e outras dúvidas, uma única certeza: a meia noz continuava ao pescoço do padre. Sabiam-no, porque depois de a terem visto no conjunto de medalhas na véspera, reconheciam-na agora na pequena saliência que lhe tufava a roupa preta sobre o peito. Não lhes ocorria era a maneira de lhe deitarem a mão.

Desceram a colina atrás do padre Cristóvão que embalara a falar-lhes dos tecidos que ia buscar a Cantão, sem dar margem a que o interrompessem.

— São sedas de uma qualidade espantosa. Umas muito leves, outras pesadas, mas todas suaves ao toque, todas com um brilho impressionante. E há de mil cores diferentes, claras, escuras, em tons de que a pessoa não se lembraria antes de os ver. A seda chinesa é de facto a mais bela do mundo!

Esbracejava em andamento, a repetir o mesmo.

— Uma beleza! Na feira de Cantão há tanta variedade de sedas que se torna difícil escolher.

Eles ouviam-no, intrigados. Se os padres se vestiam sempre de preto, e não tinham mulher nem filhos a quem oferecer tecidos, que uso dariam às sedas que iam buscar a Cantão?

Não perguntaram, mas ficaram a saber na sequência de mais uma frase atirada ao ar.

— Os rolos de seda que havemos de trazer de Cantão valem ouro. Mas vão ser pagos em prata. — A expressão de ambos tornou evidente que não percebiam do que falava. E então ele explicou: — Certamente sabem que os padres não podem fazer comércio. Mas o papa abriu uma exceção para as nossas missões aqui no Oriente. Porque construir igrejas e colégios, sustentar rapazes que querem estudar para padres, fabricar remédios, organizar farmácias e tratar os doentes que nos procuram custa caro. Por isso resolvemos organizar um negócio e, como as sedas chinesas são muito apreciadas no Japão, compramos aqui e vendemos lá. Os japoneses têm muitas minas de prata, pagam-nos em prata e assim conseguimos bom lucro.

Acabavam de chegar a uma zona próxima do porto bastante movimentada, suspendeu o discurso e olhou em volta como se procurasse alguém. Depois abriu caminho por entre magotes de gente, mas ainda lhes disse sem se virar para trás:

— Quando voltarmos ao *Navio Negro* e zarparmos para o Japão, os porões hão de ir a abarrotar de sedas.

A ideia de que continuariam a viajar sem saber até quando e até sem terem a certeza de poderem regressar a casa enervou-os tanto que não conseguiam achar a mínima graça às cenas que tinham pela frente. Cenas exóticas, de homens e mulheres envergando túnicas velhas e desbotadas, com chapéus que lembravam cestos virados ao contrário, a transportar todo o tipo de mercadorias de um lado para o outro, alguns com um grande pau ao ombro na ponta do qual balançavam sacas capazes de derrubar os mais fracos, cães e gatos à solta, crianças a correr de um lado para o outro, um bebé a chorar em altos berros, e tudo, e todos, como que envolvidos por uma bolha transparente onde pairava uma amálgama de cheiros impossível de classificar. Fora da bolha, apenas os muitos, os múltiplos barcos a remos ou à vela, com e sem esteiras a cobrir parte de casco, que se encontravam ancorados no porto ou navegavam lentamente sobre as águas.

Apesar do desânimo que os invadira, tinham-se distraído a observar o que os rodeava, mas o padre chamou-os.

— Venham! Venham!

Fazia sinal para que se aproximassem, foram ter com ele a esbracejar por entre a multidão e de repente sentiram um baque que os alvoroçou. Porque no meio daquela gente toda vislumbraram a figura de um homem baixo, magro, de cabelo preto, expressão enigmática, em que julgaram reconhecer o professor Pedro Sun. Correram para ele em ânsias, convencidos de que viera buscá-los ou que

talvez os tivesse acompanhado durante toda a viagem, mas à distância, para os pôr à prova.

— Professor — balbuciou Aida já muito próxima e de mão estendida para lhe tocar no braço. — Prof...

Dois indivíduos corpulentos que transportavam uma esteira aberta interpuseram-se e quando passaram ele já lá não estava. Aida agarrou-se ao braço do Tomás.

— Era o professor Pedro tenho a certeza.

— Também eu.

— Vamos procurá-lo?

— Não vale a pena. Ele também nos viu e não se aproximou porque não quis.

— Pois.

Na cabeça de ambos formara-se um autêntico torvelinho de ideias mirabolantes que de início os assustaram, mas a pouco e pouco se foram tornando reconfortantes. Se tinham sido escolhidos para vivenciarem uma experiência científica que implicava viajar por outra época e por outros lugares, sob a vigilância de investigadores de alto nível, podiam dar-se ao luxo de desfrutar tudo o que lhes acontecia. Caminhando atrás do padre, iam recordando em voz baixa algumas das frases misteriosas que tinham ouvido a Pedro Sun.

— É preciso abrir o espírito ao mundo. Viajem.

Essas e outras palavras com que, a propósito das aulas de Matemática, os incentivara a raciocinar da maneira autónoma, a definirem metas, a procurarem por si próprios o que deviam fazer para as alcançar, confirmavam o que acabavam de concluir.

— Foi isso — disse Tomás. — Quis lançar-nos um desafio e só nos resgata se não formos capazes de o ultrapassar sem ajuda.

— Mas isto já dura há muito tempo.

— Ele disse-nos «o tempo é relativo», lembras-te? Se calhar, o que parece imenso ao longo desta experiência corresponde a quase nada na nossa vida normal.

— Oxalá.

— Vais ver que é, Aida. Descontrai.

O padre Cristóvão admirou-se quando os viu chegar perto, alegres e soltos, prontos para tudo.

— Pelos vistos estão satisfeitos com a perspetiva de navegarem no rio das Pérolas até Cantão.

— Satisfeitíssimos — responderam ambos, felizes por estarem aliviados quanto ao futuro, seduzidos pelo nome do rio que lhes fazia ressoar na memória histórias lidas na infância, filmes e séries sobre grandes aventureiros do passado.

Quando embarcaram num junco onde pouco depois os marinheiros içaram velas que ao subirem nos mastros se desdobravam em harmónio, sentiram-se personagens de lenda. Soprava um vento brando e morno, que lhes afagava a pele. Navegar sobre as águas prateadas daquele rio largo onde se iam cruzando com embarcações de feitios diversos, manobradas por homens atarefados e de feições quase tão enigmáticas como as do professor, era um delírio. Tomás entregou-se ao prazer de passear a vista em redor, sem sobressaltos nem inquietações. E constatou que o rio era largo, tão largo que a certa altura lhe

pareceu não ver a outra margem. Ou talvez não a visse por se ter adensado uma ligeira neblina. Aida recostara-se e dera com os olhos em letras chinesas pintadas no casco.

— Sabe chinês, padre Cristóvão?

— Já aprendi alguma coisa. O que está ali escrito é o nome do barco.

Leu em voz alta aquilo que aos ouvidos dela soou como «bái tiān'é».

— O que significa?

— Cisne branco. Um lindo nome e o mesmo da estalagem de Cantão onde vamos dormir.

Virou-se para o barqueiro e perguntou-lhe qualquer coisa em chinês para provar que não mentia. O barqueiro respondeu com três palavras que soaram «shi muchi». Acenava afirmativamente. Concluíram que o som «shi» talvez fosse «sim».

— E muchi quer dizer o quê?

— Padre. Perguntei-lhe se estávamos a chegar a Cantão e ele respondeu-me «sim, padre». Muchi é padre em chinês.

## CAPÍTULO IX

# Perdidos na feira de Cantão

O primeiro contacto com a feira de Cantão deixou-os estonteados sem saberem para onde olhar e que caminho tomar por entre a incrível quantidade de casinhas e tendas, coladas umas às outras e dispostas em paralelo, a formar corredores estreitos por onde circulavam chusmas de clientes a falarem pelos cotovelos numa língua que nenhum deles entendia. Procuravam diferentes produtos. E variedade era o que não faltava. Os vendedores exibiam as suas mercadorias em zonas próprias. Aqui loiças, além tapetes, mais adiante cestos, ou lanternas, ou enfeites de ouro e prata, tudo envolvido na nuvem de odores que provinham sobretudo da zona dos alimentos, onde além de tabuleiros a oferecer frutas, legumes, sementes, especiarias, havia quem vendesse animais vivos em gaiolas, peixes e rãs em grandes taças de barro.

— Venham, venham — chamava o padre. — Não se afastem de mim nesta confusão.

Quando pararam na zona das sedas, o estonteamento deu lugar a deslumbramento, pois de facto nunca tinham visto tantos e tão belos tecidos, todos juntos e tão bem expostos para poderem ser apreciados.

— Apetece comprar tudo — disse a Aida.
— Eu preveni. Não há sedas como estas.
— Acho aquela ali um espanto, mas não sei ao certo de que cor é.
— Também vos preveni a respeito dos tons invulgares: malva, magenta, ferrugem, carmesim, âmbar, escarlate, siena, jasmim — enumerou o padre. — Desde que passei a ter de me ocupar deste negócio, passei também a dar outra atenção às cores e a procurar o nome exato de cada tonalidade.

A maneira como falara confirmou o que já sabiam, aquele homem positivo, alegre, aberto ao mundo, era uma boa companhia.

«Conhecerá o professor Pedro Sun?», pensou o Tomás no momento em que se ouviu um estoiro, logo seguido de gritos e berros, pancadaria, gente em fuga.

Um grupo completamente desvairado empurrou todos os que estavam na rua das sedas, como se arriscavam a serem espancados ou a cair e serem espezinhados, trataram de se esgueirar por entre as tendas, só pararam quando se sentiram a salvo. Tomás arfava, Aida perdera a voz, encostaram-se a uma das casinhas de madeira que ficava num dos extremos da feira. A briga continuava, apareceram uns homens a tentar acalmar os ânimos, no confronto alguém derrubou loiças que se espatifaram no chão, já havia feridos, e eles a assistir tentando recuperar o fôlego.

— É melhor sairmos da feira.
— Também acho.

Olhando em volta, aperceberam-se de que o padre Cristóvão não estava ao pé deles.

— Vamos procurá-lo.

— Onde?

— Sei lá!

Sozinhos, no meio daquela confusão e sem falarem a língua local, entraram em pânico.

— Não aguento mais! Desisto!

— Também eu. Estou pronto para outros desafios, mas deste cansei. O professor Pedro tem de nos vir buscar.

— Professor Pedro! Professor Pedro Sun — berrou Aida a plenos pulmões. — Acabou, queremos ir para casa, ajude-nos!

Faces semelhantes à que ansiavam ver aproximar-se havia muitas em redor, mas nenhuma correspondia à de Pedro Sun. Não tiveram, pois, outro remédio senão tentarem reencontrar o padre Cristóvão, fosse lá como fosse.

— Ele falou numa estalagem onde íamos ficar.

— Lembras-te do nome?

— Em português é cisne branco, agora em chinês esqueci-me.

— Assim não vamos lá.

— Espera. Tive uma ideia. Se os padres costumam ficar nessa estalagem, talvez baste dizermos «padre» ao homem que vende as sedas e ele nos indique o caminho.

— Padre é munchi?

— Não, muchi.

O plano era bom, se não resultou foi porque os vendedores de sedas, para evitarem prejuízos, mal estalou o

tumulto entaiparam as tendas e esconderam-se, e eles não os encontraram em lado nenhum.

— E agora?

— Agora? Vou perguntar a eito — decidiu o Tomás que interpelou quem passava repetindo sem cessar. — Muchi? Muchi?

A maioria das pessoas não lhe prestou atenção, mas um velhote de barba em bico e bigode pendente reagiu, acenou-lhes para que o seguissem e conduziu-os diretos a um templo redondo onde várias pessoas queimavam pauzinhos fumegantes e entoavam cânticos diante de uma estátua de Buda.

— Julgou que queríamos um padre budista, por ser onde ele próprio costuma ir — comentou Aida contendo as lágrimas.

— Não te descontroles que é pior. Vamos tentar ser mais claros.

— Como?

— Assim.

Agachou-se, pegou em dois ramos caídos no chão, formou uma cruz e disse:

— Se os missionários andam por aí, já deve haver quem reconheça a cruz como símbolo do cristianismo. Se eu mostrar esta cruz e disser ao mesmo tempo «muchi», com sorte há de haver quem perceba que andamos à procura de padres cristãos e nos indique o sítio onde eles costumam ficar.

— Talvez resulte, Tomás. Tenta.

## CAPÍTULO X

# Uma proposta irrecusável

Quem lhes valeu foi uma rapariga nova e bonita que estava à saída do templo. Vendo a cruz, começou a gesticular, apontou-lhes uma direção e acompanhou-os até avistarem a estalagem.

O padre Cristóvão estava à porta e exultou:

— Ei! Venham cá, venham cá! Que susto me pregaram. Onde é que vocês se meteram?

Eles puseram-se a contar o que lhes tinha sucedido, atropelando as frases um do outro, mas como todos tinham sido apanhados pelos mesmos tumultos da feira as descrições faziam sentido.

— Está bem, está bem, pronto, acalmem-se.

De olhos postos no Tomás, perguntou-lhe:

— Depois de tudo ter acalmado, conseguiste saber do teu tio?

— Não — gaguejou ele atrapalhado —, mas encontrei um português que andava a comprar... a comprar...

— Loiças — disse Aida prontamente. — Encontrámos um português que costuma fazer negócios com o tio do Tomás. Disse-nos que desta vez não veio à feira, que

foi fazer outra viagem, mas não se lembrava muito bem para onde. Que maçada!

Para não entrarem em contradições o melhor era mudarem de assunto. Tomás contou como procedera para explicar o que pretendia a uma rapariga chinesa e o padre ficou radiante.

— Se as pessoas já reconhecem a cruz como símbolo do cristianismo é bom sinal! Quer dizer que as nossas missões estão a dar resultado.

Na cara habitualmente prazenteira estampara-se uma expressão de agrado.

— És um rapaz esperto, Tomás. E eu preciso de ajudantes. Se quiseres tomo-te ao meu serviço, e vens comigo para o Japão. Queres?

— Quero, claro.

— E eu? — perguntou Aida num tom suplicante. — Também posso ir consigo?

— Podes. Passam a ser o meu braço direito e o meu braço esquerdo. Mas preparem-se, que não tenciono dar-lhes um minuto de descanso — disse na brincadeira: — Agora vamos comer.

A estalagem do Cisne Branco fora construída na margem do rio das Pérolas. Não era muito grande, nem bonita, mas como para eles representava um porto seguro, gostaram de tudo. Instalados num alpendre com vista para as águas mansas do rio onde navegavam embarcações conduzidas por barqueiros que sabiam exatamente de onde vinham e para onde iam, sentiram-se invadidos por uma calma sonolenta. Calma que lhes permitiu saborear

a refeição servida em tigelas com pauzinhos em vez de talheres. A par, despejaram com gosto vários baldes de um chá que, embora quente, lhes refrescava a garganta. Depois foram conduzidos a um compartimento retangular, onde apenas ardia uma vela e onde já se encontravam outras pessoas a dormir. Curiosamente, algumas apoiavam a cabeça em almofadas de loiça, que deviam ser horrivelmente incómodas. Mas não fizeram comentários porque estavam exaustos e não tardaram a adormecer.

No dia seguinte, bem cedo pela manhã, foram chamados para colaborarem no transporte de enormes rolos de seda para o junco que os jesuítas tinham alugado. Eram tantos que a operação se prolongou durante vários dias, com poucas pausas para descanso.

— Acho que emagreci dois ou três quilos — disse a Aida quando finalmente se preparavam para partir rumo a Macau.

— Então deves estar contente — sussurrou-lhe o Tomás —, as raparigas pensam que só esqueléticas é que são elegantes.

— Pschiu! Cala-te que o padre pode ouvir.

— Não ouve porque ainda está ali na margem.

Instintivamente voltaram-se para a margem e qual não foi a surpresa de ambos ao verem o professor Pedro Sun por trás do padre Cristóvão. Sorria-lhes ao de leve, misterioso como sempre, mas nos seus olhos havia um brilhozinho especial, um brilhozinho de aprovação e encorajamento. Aida virou-se para o Tomás.

— É ele, não é?

— Acho que sim.

Quando se voltaram de novo para a margem, a figura desvanecera-se.

— Anda a seguir-nos.

— Pois anda. Mas talvez não como tu pensas.

— E como é que eu penso?

— Que fomos os três absorvidos pela maqueta do *Navio Negro* que há no Museu de Macau e utilizados numa experiência científica secreta. Cá para mim só nos utilizaram aos dois. O professor Pedro Sun não está connosco. Acompanha a viagem à distância pela internet. O que vemos é a imagem dele projetada em três dimensões.

— Deves ter razão. E é pena. Preferia que estivesse cá.

— Também eu. De qualquer forma é bom saber que nos vigia. Se corrermos perigo, recolhe-nos.

— Recolhe se nos estiver a ver nesse momento. Ou se a maquinaria não avariar.

— Não sejas pessimista e concentra-te para vencermos sozinhos o desafio que temos pela frente.

Uma cotovelada fê-lo calar-se antes de o padre Cristóvão descer para bordo. Acolheram-no com expressões de simpatia e olhares discretos, verificando de través se a leve saliência que lhe tufava a roupa preta ao nível do peito continuava igual. E sim, pelos vistos o conjunto de medalhas que pendurara num fio de couro não diminuíra de tamanho. Tomás apertou entre os dedos a meia noz que trazia cosida à cintura, indeciso sobre a atitude a tomar se por acaso conseguissem a outra metade. Porque

lhe ficara a apetecer imenso ir ao Japão. Preparava-se para perguntar a Aida o que pensava sobre o assunto, quando ela lhe disse entredentes:

— Não podemos baixar a guarda. Mas as condições mudaram e o meu estado de espírito por agora também. Já que estamos sob vigilância de especialistas que nos podem resgatar e o padre Cristóvão nos contratou, o melhor que temos a fazer é aproveitarmos a viagem. Concordas?

— Concordo plenamente.

## CAPÍTULO XI

# A *Terra do Sol Nascente*

Os tempos que se seguiram, primeiro a descer o rio das Pérolas e depois em Macau, assoberbados de trabalho com os preparativos da viagem para o Japão, foram alucinantes. Levantavam-se de manhãzinha, deitavam-se ao anoitecer, às vezes mal tinham tempo de levar um pedaço de pão à boca, mas como estava tudo muito bem organizado e o pessoal os acolhera de braços abertos, procuravam dar o seu melhor e renderam-se aos benefícios de uma atividade física intensa e permanente.

— Estou com músculos de fazer inveja a campeões de boxe — dizia o Tomás.

— E eu sem um grama de gordura a mais — dizia a Aida. — Por este andar, acabo modelo.

Quando por fim acondicionaram os últimos rolos de seda na zona do porão que dava mais garantias de não serem danificados pela humidade, subiram ao convés e festejaram com os companheiros o início da viagem que os levaria à Terra do Sol Nascente.

A travessia foi longa, mas tão serena que os velhos marinheiros experientes se espantavam.

— Mar calmo e vento de feição como desta vez não me lembro — dizia o mestre.

— A sorte protege-nos — respondia um rapaz novo e atrevido, sabendo que o enervava.

— Nunca te gabes da sorte a meio caminho — advertia o mestre inquieto. — As correntes e os ventos mudam quando menos se espera. Vocês não sabem o que já sofri a bordo por estas paragens.

Sempre que estava livre, não perdia a oportunidade de os aterrorizar com a descrição de chuvas torrenciais, tempestades súbitas e pavorosas, tufões tão devastadores que erguiam ondas gigantescas e sugavam tudo o que encontrassem pelo caminho.

— Barcos e homens no mar, casas, árvores, homens, mulheres e crianças em terra, tudo destruído, só mesmo quem viu, é um horror.

— É verdade, mestre — contemporizava um dos marinheiros —, mas não vale a pena assustar os marinheiros de primeira viagem, porque isso acontece é na época das monções, que nós evitamos.

— Pois evitamos. Só que o mar é traiçoeiro, e quem desafia a sorte desafia os deuses e pode atrair azar.

Pelo que viam e ouviam, Aida e Tomás aprenderam a reconhecer parceiros impressionáveis, semi-impressionáveis e nada impressionáveis, procurando de preferência esses últimos por serem melhor companhia. Estavam com um desses grupos no momento em que, sob um céu radioso, avistaram uma das quatro grandes ilhas do Japão, a ilha Kyushu, muito verde, muito montanhosa

e rodeada de ilhas mais pequeninas. Uma festa para os olhos dos viajantes.

A bordo entusiasmaram-se, em terra o entusiasmo era idêntico, pois nas encostas a pique que serpenteavam pela montanha abaixo, entremeadas de pequenos planaltos polvilhados de casinhas de madeira, ia aparecendo cada vez mais gente a olhar para o *Navio Negro* como se há muito o esperassem e estivessem felizes de o ver chegar.

Aquela partilha espontânea de emoções fortes e harmoniosas entre desconhecidos ficaria para sempre gravada na mente de Aida e de Tomás, a embelezar as recordações da manhã límpida e luminosa em que chegaram ao Japão.

Debruçados na amurada, contemplaram com interesse os grupos de japoneses que tinham acorrido à praia da cidade de Nagasáqui para receber os estrangeiros e as suas preciosas mercadorias.

Os japoneses homens, vestidos de túnicas largas por cima das calças, usavam o cabelo todo puxado para o alto da cabeça onde o prendiam num puxo virado para a testa. As mulheres usavam túnicas até aos pés, com faixas largas a rodear a cintura e uma espécie de grande laço nas costas. Todas de fartas cabeleiras, enrolavam-nas formando um penteado que à primeira vista parecia até ser um único modelo.

Nem eles nem elas, ou as crianças, apresentavam variações na cor da pele, que era branca, ou dos cabelos, que era preto. Nariz curto e olhos amendoados tornavam as feições semelhantes para quem os visse apenas de

raspão. Mas igual mesmo era a maneira de se movimentarem, distinta, elegante, sem espalhafato.

Entre os japoneses, circulavam alguns dos poucos mercadores portugueses que se tinham fixado em Nagasáqui, reconhecíveis devido às feições e ao tipo de roupa que envergavam, e também padres de vestes negras, marcando a cena que se desenrolava em tons suaves num fundo de areia branca.

— Isto merecia um quadro, Aida.

— Eu preferia um vídeo, Tomás.

Por trás deles surgira a figura paternal do padre Cristóvão a anunciar que não tardariam a ser chamados para o desembarque.

— Não saiam daqui, que volto já.

O piloto, sob as ordens do capitão-mor conduzira o navio para a baía em frente da cidade, onde fora lançada a âncora. De novo se procedeu ao desembarque recorrendo a batéis movidos a remos. Sentados no batel do padre Cristóvão, olhavam ora para terra ora para bordo, onde o espetáculo não era menos rico. O mestre e o contramestre coordenavam o trabalho de recolha das velas, servindo-se de um apito para comunicarem com os marinheiros que executavam a tarefa pendurados nos mastros. E tanto entre esses como entre os remadores havia homens que só podiam surpreender e fascinar os japoneses por terem tantos e tão diferentes tons de pele e de cabelo.

— Que será que lhes causa mais estranheza?

— Talvez os olhos. Já pensaste no que sentias se visses um homem de outro planeta com olhos encarnados

e cabelo azul? Deve ser o que eles sentem quando desembarca um ruivo de olhos azuis.

O padre Cristóvão achou-lhes graça.

— Nunca me passou pela cabeça que possa haver homens noutros planetas, mas vocês têm razão. Apesar de já andarmos por aqui há anos, ainda impressionamos tanto os japoneses que os artistas passaram a pintar--nos a nós e ao navio nos biombos que os dáimios encomendam para as suas casas.

Em conversas anteriores tinham ficado a saber que os padres levavam presentes aos dáimios, mas na altura nenhum deles perguntara porquê, nem quem eram afinal os dáimios. Aida aproveitou a ocasião para se esclarecer.

— Quem são afinal esses dáimios?

— São grandes senhores como os nossos homens da alta nobreza. Ricos, poderosos, com terras e mais terras, onde mandam em toda a gente.

— E quem manda neles? O rei?

— No Japão não há rei, há um imperador que é sobretudo figura decorativa. Quem realmente governa é o xogum. Abaixo dele estão os dáimios que nas suas terras fazem o que bem entendem.

Perceberam que hesitava, como quem tem mais qualquer coisa para dizer e ainda não resolveu se prefere manter em segredo. Aguardaram em silêncio, como não se decidiu e tinham ficado curiosos, tentaram manter o assunto dáimios à tona com uma pergunta inocente.

— Convém agradar-lhes, não é padre Cristóvão?

— Sim, claro. Com vinagre não se caçam moscas. É indispensável criar empatias para podermos falar da nossa religião e convertê-los ao cristianismo.

— Já converteu muitos?

— Alguns. E é engraçado, sabem? Quando um dáimio aceita batizar-se, a família e as pessoas que o servem também querem. Passam a interessar-se imenso pelas histórias da Bíblia que nós contamos.

O batel chegara à praia, ao saltarem em terra foram atraídos por vozes exaltadas que os levaram a virar-se para o mar. Não perceberam quem gritava nem porquê, mas de repente entrou-lhes pelos olhos dentro a imagem do navio ancorado ali em frente e não se admiraram que tivesse grande impacto nos japoneses. Por ser enorme, por ser diferente, por ser negro, por vir de terras longínquas recheado de preciosidades, manobrado por homens de olhos redondos e cores improváveis, que usavam calças largueironas, chapelões pretos ou barretes que não deixavam cair nem quando se penduravam nas cordas ou amarinhavam pelos mastros.

O *Navio Negro* ancorado ali em frente e as cenas que se desenrolavam a bordo ofereciam realmente um espetáculo que apetecia imortalizar.

«Na nossa época seria tudo fotografado e filmado até à exaustão», pensou o Tomás. «Nesta época em que estamos a única hipótese é pedir aos artistas que vejam e pintem o melhor que souberem.»

Não dera voz aos pensamentos, nem foi preciso para Aida lhe acenar que sim, pois também ela pensava o mesmo.

— Que tema inspirador é este navio para uma obra de arte — comentou —, gostava de ver esses tais biombos de que o padre nos falou.

— Talvez tenhas sorte quando formos em cortejo visitar o dáimio desta zona, porque ele tem em casa um biombo lindíssimo.

— Vamos em cortejo?

— Sim. Sempre que chegamos, organiza-se um cortejo solene, com o capitão-mor, para visitar o senhor da terra. Vocês também vão participar e vão gostar, a cerimónia é inesquecível.

Uma autêntica sinfonia de vozes de animais interrompeu a conversa porque estavam a ser desembarcadas jaulas e gaiolas onde viajavam os animais que o capitão-mor escolhera para presentear os dáimios.

— Eles adoram criaturas exóticas, sobretudo as que não existem por cá. Papagaios do Brasil fazem sempre grande sucesso. Na viagem anterior veio um elefante, mas foi complicadíssimo. Desta vez deu-se preferência a dois cavalos persas, cães de raça e, para não desiludir, trouxemos uma surpresa que vai encantar o dáimio.

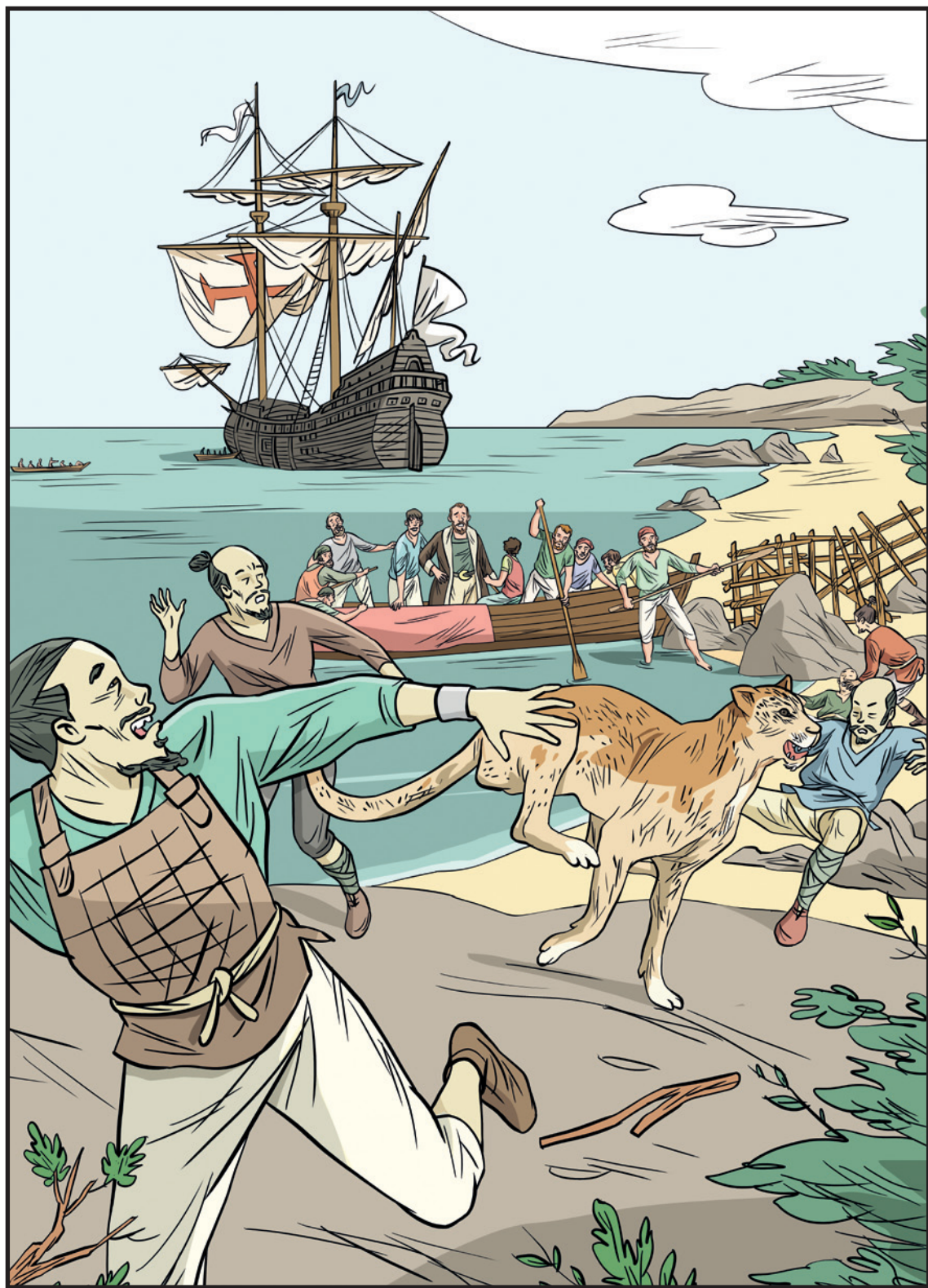
— O que é?

— Um gato selvagem. Olhem, lá vem ele, estão a desembarcá-lo.

Na jaula feita com grossas tiras de bambu que os marinheiros tentavam descer para terra, agitava-se, enfurecido, um animal que nunca nenhum deles tinha visto. Mais parecia um leopardo do que um gato, e bufava, guinchava, raspava as tiras de bambu com garras afiadas. A pele clara,

de manchas castanhas, era linda. O focinho, de dentes afiados e bigodes rijos, assustador. Depressa se tornou o centro das atenções, já ninguém olhava para mais nada senão para o gato selvagem e foram formando um círculo para o observarem de perto.

— É de uma espécie feroz que raramente se deixa ver. Foi capturado nas montanhas da Índia e comprado a peso de ouro para satisfazer a curiosidade insaciável do dáimio — explicava o padre no momento em que um dos rapazes que participava na manobra destinada a colocar a jaula em terra sentiu a cabeça a andar à roda, afrouxou a corda e caiu para o lado.

Os outros esforçaram-se ao máximo para aguentar o peso, mas não conseguiram impedir que a jaula embatesse numas pedras e foi o desastre porque se partiram canas de bambu em número suficiente para o gato selvagem escapar e desatar a correr pela areia bufando e assanhando-se cada vez mais, primeiro ao acaso, depois em direção a um grupo de mulheres e crianças em quem ninguém teve dúvidas de que ferraria os dentes e as garras. Elas fugiram arrastando os filhos e a gritaria foi subindo de tom, aumentada pelos relinchos dos cavalos e pelo ladrar dos cães. Toda a gente gritava, toda a gente tentava pôr-se a salvo, o encontro pacífico na praia transformara-se num episódio de horror em que, a qualquer momento, podia haver feridos ou até mortos, pois o gato corria desvairado, de um lado para o outro. Um dos soldados que acabara de desembarcar pôs a espingarda ao ombro e fez pontaria, mas não é fácil acertar num alvo em movimento.

— Não dispares! — ordenou o capitão-mor no tom de comando a que os soldados foram treinados para obedecer. — Não o matem.

## CAPÍTULO XII

# Na Missão de Nagasáqui

Se não houve uma desgraça de dimensões arrepiantes foi devido à intervenção pronta do tratador, um rapaz indiano altíssimo e muito magro, de turbante na cabeça. Ágil e rápido, organizou de imediato uma batida com o apoio de outros homens que tinham desembarcado no mesmo batel e se soube depois serem também tratadores de vários animais.

As pessoas tinham trepado pela encosta onde rapidamente perceberam que não estavam a salvo e por isso gritavam cada vez mais. O que talvez tenha ajudado, pois o gato selvagem, desnorteado com a gritaria e a confusão, pôs-se aos saltos e desapareceu no interior de uma moita, logo rodeado pelo tratador e acompanhantes munidos de remos com que batiam no chão a fim de o empurrarem para dentro de uma armadilha improvisada com redes grossas, o que acabaram por conseguir. Quando se sentiu preso, o gato soltou tais guinchos de desespero que as pessoas sentiram o sangue gelar nas veias. O único a manter-se impassível, pelo menos na aparência, foi o tratador. Sem perder a compostura, falava alternadamente ao animal e aos companheiros para que se despachassem a

trazer uma outra jaula, pois na rede não podiam aguentar muito tempo um animal de garras e dentes tão afiados.

Só depois de o verem enjaulado é que as pessoas acalmaram. A pouco e pouco foram descendo para a praia, quase ninguém resistia a ir dar uma olhadela ao estranho gato que tanto os assustara. Viravam-se depois para o tratador, que se limitava a inclinar ligeiramente a cabeça ora para a direita ora para a esquerda, gesto que na Índia traduz satisfação.

O capitão-mor assistira a tudo primeiro em pé, depois sentado numa cadeira de abrir e fechar que fora colocada na areia. Contente por tudo ter terminado como queria, ergueu-se e deu umas ordens. As movimentações em redor recomeçaram e ele afastou-se em direção às casas onde era habitual ficarem instalados os capitães e as suas comitivas. Acompanhavam-no alguns japoneses e um padre que servia de intérprete porque vivia ali há anos e aprendera a língua local.

O padre Cristóvão encaminhou Aida e Tomás na mesma direção.

— Venham, vocês ficam comigo.

— Onde?

— Nas casas da Missão.

— Há várias?

— Há. Temos casas, igreja, colégio, como em Macau. Mas o aspeto dos edifícios é muito diferente porque quisemos fazer tudo à maneira dos japoneses. Vocês vão ver.

O caminho por onde subiam a encosta, estreito e sinuoso, ladeado de arbustos espessos, obrigava-os a caminhar

em fila e assim caminharam até à dobra da montanha que os jesuítas tinham escolhido para instalar a Missão.

E aí pasmaram com tanta beleza. Porque a vista sobre a encosta, a baía, o mar, era soberba. E as casas, além de bonitas e originais, estavam tão sabiamente integradas na paisagem que pareciam obra da natureza.

— Foram construídas à maneira dos japoneses. Gostam?

— Imenso!

— Eu também me rendi logo a este tipo de casas mesmo sem saber por que motivo são tão pequenas e tão leves.

— E porque são assim?

— Porque foram pensadas com inteligência para resistir às grandes tempestades, aos tufões e aos tremores de terra, muito frequentes aqui no Japão. Em vez de pedra usa-se madeira, e o resultado é um encanto.

— Quase parecem caixas de brincar.

— Ou caixas de música.

— E protegem melhor os habitantes, pois se a terra dançar, dançam também e não caem. O varandim a toda a volta dá-lhes graça e protege das chuvas torrenciais. Mas entrem, entrem — convidou, enquanto fazia deslizar a porta, na verdade um painel levíssimo que ao ser deslocado não provocava ruído.

Eles atardaram-se um instante, a admirar as paredes todas em madeira, sem janelas nem vidros, mas preparadas para acolher a luz do Sol através de uma espécie de papel que nunca tinham visto.

— É papel de arroz — explicou o padre Cristóvão, que estava a descalçar-se. — Por estas bandas, os sapa-

tos ficam à porta. Deixem os vossos aqui ao pé dos meus.

No interior da casa não havia paredes. O que servia de divisória entre salas e quartos eram outros painéis deslizantes, alguns cobertos de pinturas delicadas. O chão estava integralmente tapado de esteiras fofas, agradáveis ao tato, que lhes afagavam as solas dos pés. A mobília reduzia-se a mesinhas baixas, pequenos bancos, almofadas.

— Simples e confortáveis, não lhes parece?

— Sim.

— E para dormir? Não há camas?

— Não. Só colchões e edredões.

— Os meus pais iam adorar esta casa na hora das limpezas — disse o Tomás. — Quase sem mobília, não dá trabalho nenhum.

— Onde é que cozinham?

— Ali.

Apontava-lhes um buraco no chão onde fora enfiada uma pedra quadrada que certamente no inverno servia também como lareira.

— Para nos integrarmos completamente nesta terra, tivemos de nos habituar a comer à maneira deles. Arroz cozido e legumes crus, peixe cru.

«Sushi», pensaram ambos com um sorriso. «A moda levou tempo a chegar à Europa.»

Antes de se instalarem, ainda deram uma volta pelos jardins bem cuidados que rodeavam as casas da Missão e espreitaram a igreja, que em nada se parecia com as igrejas europeias e muito menos com as catedrais.

Sóbria, discreta, só se distinguia por ter uma cruz sobre o telhado.

— A riqueza e a grandiosidade dos nossos edifícios religiosos seria certamente um choque para os japoneses. Para nos entendermos com outros povos temos de os compreender e aceitar, para que nos compreendam e nos aceitem. Mas agora vamos para dentro, que estou com fome.

De regresso a casa, encontraram um pequeno grupo de homens afadigado a preparar a refeição. Dois eram padres portugueses, Luís e João, que os receberam com grandes efusões de alegria, abraços, palmadas nas costas. Os outros três eram japoneses muito novos que estudavam na Missão e se mantiveram de parte, observando aquelas manifestações calorosas que, embora conhecessem, ainda estranhavam. Quando Aida e Tomás se aproximaram para os cumprimentar, eles mantiveram os braços caídos ao longo do corpo e saudaram-nos inclinando-se para a frente sem dobrar as costas. Depois da conversa que tinham tido junto da igreja, não lhes restavam dúvidas, convinha imitá-los e imitaram-nos tentando não rir.

O jantar decorreu alegremente, com todos sentados em almofadas a falar disto e daquilo, cruzando assuntos ao sabor do acaso. Como não podia deixar de ser, veio à baila o gato selvagem e Aida atirou ao ar uma pergunta que se lhe atravessara na garganta desde o início da cena.

— Não foi arriscado o capitão-mor impedir que matassem o gato?

— Foi, mas acabou tudo bem.

— Podia não ter acabado — disse o Tomás. — A certa altura esteve bem perto daquelas mulheres que tinham crianças.

— É verdade. Mas o capitão-mor tem muita experiência e percebeu que o tratador ia chegar a tempo. Se visse que ele não conseguia, dava ordem aos soldados para disparar.

— Ainda bem que não foi preciso — disse o padre João —, porque o dáimio vai ficar encantado com aquele gato.

— E com razão — disse o padre Luís. — É um animal raro, que deve ter dado uma trabalheira medonha a capturar lá nas montanhas da Índia.

— E que por aqui nunca viram.

— Quanto mais originais forem as prendas mais contente fica o dáimio. E quanto mais contente mais tolerante se torna para connosco, não é, amigos?

— Verdade se diga que não temos tido razões de queixa — disse o padre Luís. — Deixa-nos trabalhar, não cria conflitos.

— É um grande senhor que gosta de viver em paz? — perguntou a Aida.

Os padres entreolharam-se e abanaram a cabeça como quem diz «nem por isso». E depois explicaram:

— Os dáimios andam sempre em guerra uns com os outros.

— Porquê?

— Porque querem ter mais poder e dominar os vizinhos. Quando conseguem, tudo muda.

— O dáimio que manda aqui na zona de Nagasáqui converteu-se ao cristianismo, gosta de nós e recebe muito bem os comerciantes portugueses. Mas se for derrotado por outro dáimio, podemos ser perseguidos e expulsos sem ter feito mal nenhum.

— Se isso acontecesse, além do desgosto de ver tudo destruído corríamos o risco de ser mortos ou, pior ainda, torturados. Na guerra os homens tornam-se ferozes.

— Mais ferozes do que o gato selvagem — disse o padre Cristóvão meio a brincar meio a sério. — Mas não falemos mais de guerra que amanhã é dia de festa. E estes meus dois acompanhantes são marinheiros de primeira viagem e ainda não sabem que vão ter de se vestir de gala para ir no cortejo.

— De gala? Nós não temos roupa para mudar.

— Temos nós — disse o padre Luís — na casa aqui ao lado há várias arcas com ricas vestimentas para os visitantes escolherem. O cortejo é para impressionar o dáimio e todas as pessoas desta terra. Sabem como nos chamam? Bárbaros do sul. Em japonês Namban-jin.

— Pareciam tão simpáticos na praia, tão contentes de nos ver e chamam-nos bárbaros?

A indignação do Tomás divertiu os padres.

— Calma, rapaz. Eles lá tiveram as suas razões. Os primeiros portugueses a desembarcar nestas ilhas vinham em mísero estado, com péssimo aspeto, pois andavam embarcados há imenso tempo, sem se poderem sequer lavar.

— Causaram má impressão e só não foram expulsos porque trouxeram uma coisa que os japoneses nunca tinham visto e os deixou de boca aberta, uma espingarda.

— Para homens esfarrapados, com um pau que permitia matar pássaros à distância, bárbaros do sul até não está mal pensado. Mas o tempo foi passando e só o nome ficou. Agora somos amigos. Em todo o caso, convém reforçar a imagem positiva, mostrar que somos um povo rico, poderoso e civilizado. Por isso, no cortejo, até os marinheiros mais pobres vestem como príncipes. Vocês vão ver o luxo.

— É digno de se ver.

## CAPÍTULO XIII

# Os *Senhores da Guerra*

O cortejo ultrapassou tudo o que eles podiam imaginar. Homens e mais homens, novos e velhos, nobres, comerciantes e servos, todos vestidos a rigor, todos de chapéu alto caminhavam atrás uns dos outros de cabeça erguida, a um ritmo lento e solene. No meio deles ia o capitão-mor, a pé, com duas espadas à cintura, protegido da luz intensa e do calor por um guarda-sol de seda dourada com franjas, que um rapaz muito novo lhe mantinha por cima da cabeça, talvez afinal para que o reconhecessem como o embaixador do rei de Portugal.

Na frente, a abrir caminho, seguiam os nobres das famílias mais ilustres e os comerciantes mais ricos, quase todos com magníficos presentes para oferecer ao dáimio.

Atrás do capitão-mor, padres jesuítas vestidos de preto e uma infinidade de indivíduos, entre os quais carregadores que transportavam vários tipos de caixas e jarras com prendas nas mãos e bem à vista se fossem leves, suspensas em cordas e paus se fossem pesadas. Do cortejo também faziam parte cavalos de pelo lustroso aparelhados com arreios de luxo e cães de raça elegantíssimos, uns e outros conduzidos com visível orgulho por tratadores de nariz

empinado. E também papagaios, pavões e outros pássaros de plumagem tão colorida como os trajes que os homens tinham escolhido para se exibirem no pomposo desfile.

A intenção era impressionar e impressionavam. De toda a parte acorriam famílias inteiras para os ver passar. Desta vez, porém, o gato selvagem, a bufar dentro da jaula carregada ao ombro por dois homens, disputava as atenções ao capitão-mor, pois não eram poucos os que na véspera tinham receado ser vítimas das suas garras e dos seus dentes afiados.

Aida e Tomás tinham tomado lugar entre outros marinheiros e, tal como eles, observavam a reação dos japoneses àquele espetáculo que lhes era oferecido uma vez por ano. E sentiam-se lisonjeados com a admiração que despertavam nos adultos, nas crianças e até nos bebés que os pais tinham ao colo.

Tomás fixou intensamente uma japonesinha delgada e linda de morrer, que lhe retribuiu o olhar com naturalidade. Aida reparou por acaso em alguns rapazes que se tinham sentado juntos e olhavam alternadamente o cortejo e grandes folhas de papel onde faziam esboços.

— Estamos a ser retratados — murmurou —, retratados à maneira antiga, por artistas.

— O cortejo é um belo tema para pinturas.

— Mas difícil. Só conseguem reproduzir o que veem se tiverem verdadeiro talento.

— Oxalá tenham e nos representem aos dois como criaturas magníficas.

— Só a nós os dois?

— Não. A todos. Mas podem perfeitamente distinguir--nos devido à nossa especial categoria.

Ela riu-se.

— Convencido!

— Olha, olha, estamos a chegar ao sítio onde mora o dáimio.

— Como é que sabes?

— Sei por causa dos cavaleiros que estão ali adiante, não vês?

Aida espreitou por entre os marujos que a precediam e sobressaltou-se ao dar com os olhos nos cavaleiros de armaduras negras e bandeiras presas nas costas, todas com o mesmo símbolo do dáimio, a flutuar-lhes por cima da cabeça. Sobressaltou-se porque o efeito, simultaneamente atraente e assustador, sugeria o poder e a força que se espera dos senhores da guerra.

«Estou arrepiada», pensou, enquanto ia desfilando pelo meio deles rumo à entrada do jardim que rodeava a casa do dáimio. Um jardim enorme onde nada parecia ter sido posto ao acaso. Relvados, lagos, árvores, arbustos, flores e até os caminhos estavam organizados de acordo com um projeto minucioso feito por artistas capazes de usar a natureza como matéria-prima.

O dáimio não viera recebê-los à porta. Quando entraram na casa onde o capitão-mor e a comitiva seriam recebidos, ficaram admirados por não haver móveis. Na primeira sala os únicos objetos decorativos eram dois biombos com pinturas que confirmavam o que lhes dissera o padre Cristóvão. O da esquerda representava o *Navio*

*Negro* no porto, a descarregar homens e mercadorias, o da direita representava um cortejo idêntico àquele em que acabavam de participar e que servira de inspiração a artistas locais, depois de presenciarem o desembarque de uma viagem anterior.

— Não há dúvida, este dáimio gosta dos portugueses.

Quando o viram, na sala seguinte, maior do que a primeira, o espanto redobrou, pois, embora ricamente vestido e com todo o ar de grande senhor, não os aguardava sentado num trono, nem sequer numa cadeira. Aguardava-os no chão, com os joelhos sobre almofadas e sentado nos calcanhares.

— Que posição incómoda — cochicharam.

— Se eu me sentasse como ele, ficava de pernas dormentes.

— Deve ser costume receber as visitas assim, mas depois vai levantar-se, não?

Curiosamente, aguentou firme sem se mexer ou dar o menor sinal de desconforto durante o longo cerimonial de cumprimentos que o padre Luís e outros intérpretes traduziam palavra por palavra, sem atropelos nem pressa. Eles é que já estavam fartos da imobilidade, quando se deu início à apresentação das ofertas. E não eram só eles, pois nas caras de muitos outros, que também não tinham tarefas a cumprir, estampara-se o cansaço e o enfado.

O dáimio prestou uma atenção delicada a cada presente, mas ao gato selvagem reagiu com vivacidade. Decerto ouvira relatar o episódio da véspera, pois fez muitas perguntas, brindou o animal com olhares em que se misturavam apreço e desafio, e dele recebeu miados e

sopros assanhados que o divertiram. Toda a gente contemplava a cena num silêncio reverencial. De súbito, porém, entrou na sala um dos cavaleiros que tinham visto à chegada, dirigiu-se ao dáimio que, apesar da armadura, fez uma vénia profunda sem dobrar as costas, falou-lhe em voz baixa e retirou-se. O dáimio manteve-se alguns instantes em silêncio. Depois, sem se levantar, disse duas ou três frases curtas que o padre Luís se apressou a traduzir.

— Aproxima-se um exército inimigo que vem atacar, vai haver guerra, temos de nos retirar imediatamente.

Não foi preciso dizer mais nada para que os viajantes do *Navio Negro* se precipitassem porta fora, largando as ofertas no chão, incluindo a gaiola onde o gato selvagem ficou aos guinchos de fúria. Aida e Tomás, tão assustados como todos os outros, tinham acotovelado a eito para se chegarem ao padre Cristóvão, de quem esperavam proteção.

— Onde é que ele está?

— Onde é que se meteu?

— Ali — gaguejou Aida espavorida. — Olha o que está a fazer!

O padre Cristóvão acabava de retirar as medalhas que trazia ao peito e estava a oferecê-las ao dáimio dizendo: «Que Deus o proteja.»

— A noz! A nossa meia noz!

Aida correu para lá e arrebatou o fio das mãos do padre, que ficou atónito. Depois fugiu espavorida a gritar pelo Tomás que, entretanto, arrancara da cintura a outra metade.

— Encaixa-as, encaixa-as depressa por favor!

Como já lá vinham dois guardas para os prender, dispararam para a sala dos biombos sempre a tentar o encaixe da noz, que naquelas aflições e em movimento não era tarefa fácil. Mas de súbito, *clic*, as duas metades uniram-se e eles perderam os sentidos envoltos numa nuvem dourada.

O que terá pensado o guarda quando, ao deitar-lhes a mão, os viu desvanecerem-se, nunca ninguém saberá. Quanto ao padre Cristóvão, só pode ter ficado envergonhadíssimo e muito desgostoso com os seus protegidos. Não se sabe como terá interpretado a sua ausência, pois nunca mais, nem ele nem nenhum dos outros viajantes, lhes pôs a vista em cima.

E eles, estonteados, agoniados, confusos, recuperaram a consciência estendidos ao comprido numa sala desconhecida onde não se encontrava mais ninguém. Tomás ergueu-se, a custo puxou por Aida e olhou em volta.

— Onde é que estamos?

— Na zona em que o Museu de Arte Antiga reserva aos biombos Namban — disse uma senhora baixinha que acabara de entrar. — Procuram outras peças? Eu trabalho aqui, posso orientá-los. O museu é grande.

Só então repararam que atrás deles estavam os biombos vistos por ambos em casa do dáimio.

— A... estes biombos foram trazidos do Japão, não é verdade? — perguntou Tomás para dizer alguma coisa.

— Sim, sim. Vejo que sabem História, estejam à vontade.

Afastou-se com um sorriso e eles ficaram sozinhos a contemplar as cenas em que tinham participado involuntariamente e de forma algo misteriosa.

— O professor Pedro Sun vai ter de se explicar porque eu faço questão de saber exatamente o que nos aconteceu.

— Para já, sabemos uma coisa! Voltámos à nossa época e à nossa terra.

— Vestidos com a nossa roupa.

Tomás levou a mão ao bolso e foi com prazer imenso que sentiu o telemóvel entre os dedos. Consultando o ecrã ficou atónito.

— Queres saber quanto tempo durou a nossa viagem, Aida? Três horas!

— Três horas? Só?

— As experiências do Centro Científico e Cultural de Macau são incríveis.

— Extraordinário. Temos de lá voltar.

— Não sei se arrisco.

— Eu arrisco e vou-te dizer porquê.

Encaminharam-se para a saída, Tomás passou-lhe o braço à volta dos ombros.

— Como é que te sentes?

— Atordoada, mas não desnorteada.

— Então ouve. Cá para mim a maqueta do *Navio Negro* está preparada para romper os limites do espaço e do tempo. Fomos absorvidos, passámos por tudo o que sabes e no regresso o navio pintado no biombo, que agora pertence ao Museu de Arte Antiga, é que nos trouxe de volta.

— Concordo.

— Espera, que eu ainda não disse tudo. Lembras-te das figuras humanas em miniatura que aparecem na maqueta do *Navio Negro* a conversar e a andar de um lado para o outro?

— Lembro.

— Se calhar são miniaturas das pessoas que já foram absorvidas antes de nós. Se calhar quem entra deixa ali a imagem em ponto pequeno. Não resisto a ir ver se também lá estamos. Se não quiseres, não venhas, mas hei de voltar à rua da Junqueira n.º 30 para tirar isso a limpo.

— E eu vou contigo. Mas só depois de obrigar o professor Pedro Sun a responder a muitas perguntas. Exijo uma explicação.

Tomás encarou-a risonho.

— Põe-te com exigências e ele dá-te uma explicação de Matemática!

# INFORMAÇÃO HISTÓRICA

## Por mares nunca dantes navegados

A viagem de Vasco da Gama à Índia em 1498 representou um marco importante que veio a alterar a História da humanidade porque provou ser possível navegar entre a Europa e a Índia, contornando a África e atravessando o oceano Índico. Nem europeus, nem africanos, nem asiáticos tinham realizado uma viagem semelhante. Os portugueses foram o primeiro povo a concretizar essa proeza fantástica, que muitos outros povos consideravam impossível.

Este acontecimento histórico não foi fruto do acaso. Começou pelo sonho de quem rejeitava limites, prosseguiu por etapas sucessivas, exigiu coragem, determinação, planeamento, investimento, sacrifícios e persistência para resistir às inúmeras dificuldades. Ao longo de vários reinados os Descobrimentos nunca pararam, foram avançando com entusiasmo renovado e permitiram que os portugueses contactassem com outros povos, conhecessem outras culturas e usassem diferentes formas de comunicação. Graças ao estudo da astronomia, dos ventos e das correntes marítimas, com o aperfeiçoamento dos navios e dos instrumentos de navegação, os portugueses alargaram o conhecimento sobre o mar e sobre a terra, definiram rotas cada vez mais precisas e desenharam mapas cada vez mais completos e mais próximos da realidade.

Quando finalmente atingiram a meta desejada — a Índia — encontrava-se no trono o rei D. Manuel I, que recebeu o cognome de *O Venturoso*. Para Portugal, a chegada à Índia foi o coroar de um projeto arrojado, que se completou com

êxito. Para o resto do mundo, foi um primeiro passo num processo de conhecimento e aproximação entre povos de todos os continentes, que veio a dar origem à rede global de comunicação de que o mundo hoje dispõe.

## Ir mais além

A ânsia de ir mais além manteve-se viva e poucos anos depois da viagem de Vasco da Gama já os navios portugueses se aventuravam rumo ao Extremo Oriente em busca de novidades, contactos, negócios, conquistas. E novidades, contactos, negócios e conquistas não faltaram quando da Índia passaram a Malaca, de Malaca à China e mais tarde da China ao Japão.

# Cronologia breve das sucessivas viagens dos portugueses entre a Índia e o Japão

- **1498 [Índia]** A armada comandada por Vasco da Gama completa a viagem de descoberta do caminho marítimo para a Índia.

- **Entre 1500 e 1508** Mais de dez armadas organizadas pelo rei de Portugal viajaram de Lisboa até à Índia. A partir de várias zonas da Índia, onde os portugueses se foram fixando, organizaram-se expedições a vários portos e ilhas da costa oriental da África, da costa ocidental da Índia, do Golfo Pérsico, da Arábia do Mar Vermelho. Neste período os portugueses fazem conquistas, mas também estabelecem tratados de amizade e alianças com autoridades locais, nomeadamente em Melinde e Cochim, e constroem várias fortalezas para proteger a circulação de navios e a vida dos homens que permaneciam nesses lugares.

- **1509 [Malaca]** Uma armada comandada por Diogo Lopes Sequeira atinge Malaca.

- **1511** Afonso de Albuquerque, que conquistara Goa no ano anterior, conquista Malaca onde manda construir uma fortaleza.
  Francisco Serrão atinge as ilhas Molucas.

- **1512** Partem de Lisboa para a Índia cerca de 1200 portugueses por ano. Um deles, Tomé Pires, permanece algum tempo em Malaca, onde escreve um livro a que deu o título *Suma Oriental*. Nesse livro, descreve em pormenor terras, gentes, costumes e riquezas do Oriente.

- **1513 [China]** Jorge Álvares e um grupo portugueses viajam a bordo de um junco e desembarcam na ilha chinesa de Tamão. São os primeiros europeus a chegar à China por mar.

- **Entre 1514 e 1541** As viagens entre Lisboa e a Índia e a circulação de navios portugueses no oceano Índico e no mar da China passaram a ser constantes.

- **1519** O português Fernão de Magalhães, ao serviço do rei de Espanha, parte de Sevilha para a primeira viagem de circum-navegação, que se completa em 1522, sob o comando de Sebastião d'el Cano, porque Fernão de Magalhães morreu na ilha de Mactan, no arquipélago das Filipinas.

- **1542/1543 [Japão]** Os portugueses António da Mota, Francisco Zeimoto e António Peixoto, que viajavam no mar da China, são arrastados por uma tempestade e desembarcam na ilha japonesa de Tanegashima. São os primeiros europeus a pisar terras do Japão.
  Um outro português, Fernão Mendes Pinto, que se veio a tornar famoso no mundo inteiro por ter escrito o livro *Peregrinação* onde conta as aventuras fabulosas que durante vinte anos viveu no Oriente, afirma que viajava na companhia de Francisco Zeimoto e que teria sido ele próprio o primeiro a desembarcar no Japão.

# A China

No imenso território da China pode encontrar-se toda a espécie de paisagens: montanhas, planícies, desertos, florestas, zonas semissecas e zonas fortemente irrigadas por uma fantástica rede de rios e ribeiros, lagos e canais. A civilização chinesa, que é antiquíssima, foi pioneira em muitas invenções e descobertas que os países do Ocidente só muitos séculos depois vieram a conhecer, a adaptar ou a reinventar. A escrita chinesa é a sexta mais antiga do mundo, surgiu por volta do ano 1500 a.C[1].

A população da China, constituída por uma grande variedade de povos, unificou-se politicamente no século III a.C., quando Qin Shi Huangdi, o primeiro imperador da dinastia Qin[2], conseguiu dominar todo o território.

Este imperador iniciou a construção da Grande Muralha da China[3] para impedir o avanço de povos guerreiros que ameaçavam invadir pelo Norte, principalmente os mongóis. Seguiram-se outras dinastias fortes, mas a unidade nem sempre se manteve e, em três períodos, o país dividiu-se em vários reinos. A partir do século X d.C. voltou a unificar-se sob o primeiro imperador da dinastia

[1] A escrita mais antiga do mundo surgiu na Suméria (4000 a.C.). Seguiram-se a escrita do Egito (3000 a.C.), a da Índia (3000 a.C.), a de Creta (2500a.C.) e a fenícia (1600 a.C.). A primeira escrita fonética, ou seja, em que cada símbolo corresponde a um som, foi a dos fenícios. A eles se deve a invenção do alfabeto.

[2] A dinastia Qin dominou a China entre 221 a.C. e 206 a.C.

[3] A Grande Muralha veio a ser continuada pelas dinastias Song e Ming.

Song[4]. A partir de então o comércio desenvolveu-se e, durante quatro séculos, a China tornou-se a maior potência comercial do Oriente.

## O governo da China: imperadores e mandarins

A dinastia Song criou um modelo de governo que deu grande estabilidade ao país. O imperador tinha na mão todos os poderes e apoiava-se em funcionários que representavam o imperador[5] e eram selecionados através de exames nacionais dificílimos que incluíam diversos tipos de provas. Só quem obtivesse boa classificação podia aspirar a um lugar na corte ou a representar o imperador numa região. Valia muito a pena investir nesse esforço, pois quem tivesse êxito no exame ganhava enorme prestígio e podia fazer carreira, adquirir riquezas e benefícios para familiares e amigos. A inteligência, a cultura, os bons serviços, permitiam uma rápida ascensão.

Em 1271 os mongóis completaram a conquista da China, conseguiram impor-se e deram início à dinastia Yuan. No entanto mantiveram o mesmo sistema de governo e adotaram muitos dos costumes da terra. Em 1368 os mongóis foram derrotados pelos chineses e a dinastia Ming tomou o

---

[4] A dinastia Song dominou a China ente 960 e 1279.

[5] Quando os portugueses chegaram à China aperceberam-se de que os funcionários representantes do imperador tinham muito poder para mandar. Deram-lhes por isso o nome de mandarins, e o nome ficou.

poder. Também esta se manteve fiel ao mesmo modelo de governo. Os imperadores transferiram a capital para Beijing, onde ainda hoje se encontra.

Nesta época intensificou-se o fabrico da loiça de porcelana, que atingiu uma qualidade extraordinária, e da seda que, sendo já uma produção chinesa muito apreciada, se tornou ainda mais perfeita.

No tempo de Yongle[6], o terceiro imperador da dinastia Ming, organizaram-se sete expedições marítimas comandadas pelo almirante Zheng He. Os seus navios eram juncos de dimensão enorme que foram percorrendo a costa ocidental da Índia, a costa sul da Arábia e, na última viagem, atingiram a costa oriental da África. Nessas idas e vindas trocavam os produtos chineses por outros que iam comprando e vendendo pelo caminho, obtendo belíssimos lucros. A certa altura o imperador considerou que não valia a pena enviar navios até África, pois em Malaca o negócio dava um rendimento excelente. Em 1433, meio século antes da viagem de Vasco da Gama, os chineses deixaram de circular no oceano Índico.

[6] Yongle foi imperador da China entre 1402 e 1424.

## Os portugueses na China

O primeiro europeu a atingir a China foi o português Jorge Álvares, em 1513. Aportou na ilha de Tamão e ali deixou um padrão com as armas de el-rei D. Manuel I. Depois fez várias trocas comerciais. Não se sabe ao certo que produtos vendeu, nem que produtos comprou, mas é de supor que escolheu bem, pois a fama dos negócios da China depressa chegou aos ouvidos do próprio rei de Portugal. Quatro anos depois, D. Manuel enviava para a China o boticário Tomé Pires em missão oficial. Devia estabelecer relações diplomáticas e comerciais com o imperador dos chins. Porquê um boticário e não um nobre, como era costume? A resposta é simples. Tomé Pires falava línguas, conhecia o Oriente porque vivera na Índia e em Malaca. Além disso possuía uma qualidade muito apreciada pelos chineses: a idade. Só um homem idoso seria considerado embaixador no império chinês.

Apesar da escolha ser acertada tudo correu mal. Tomé Pires viajou numa armada chefiada por Fernão Peres de Andrade, jovem audacioso que pertencia à nobreza. Para mostrar que as suas intenções eram pacíficas, ao entrar no porto chinês hasteou a bandeira portuguesa e disparou os canhões para o ar numa saudação amistosa. A reação dos «donos da casa» foi péssima. Quem era aquela gente que lhes entrava pela casa aos tiros? Pouco faltou para que estalasse uma luta. Embora tenham dado as explicações necessárias, manteve-se um ambiente de desconfiança.

Fernão Peres de Andrade regressou a Malaca deixando Tomé Pires à espera de ser recebido pelo imperador, mas a espera foi longa, muito longa. Só cinco meses depois da chegada os portugueses obtiveram autorização para desembarcar. E a autorização abrangeu apenas vinte e oito homens, incluindo os intérpretes. Pensavam eles que desembarcar em Cantão significava serem recebidos imediatamente pelo imperador. Puro engano! Durante um ano inteirinho vaguearam nas ruas de Cantão sem saber ao certo o que fazer à vida. Já desencorajavam quando chegou ordem para seguirem rio acima até Nanquim. Aí, nova surpresa desconcertante. O imperador estava no palácio, mas não tencionava recebê-los senão em Beijing, a capital do império. De novo partiram e, talvez devido a diferenças de ritmo, chegaram antes do imperador. Que fazer? Esperar, esperar sempre.

Entretanto, outra armada portuguesa, comandada por Simão de Andrade, outro fogoso e irreverente fidalgo português, instalou-se na costa da China a fazer negócios sem se preocupar em saber quais eram as regras locais. As suas atitudes granjearam-lhe uma fama terrível. Para cúmulo, acabou sovando um mandarim que pretendia forçá-lo a pagar os impostos da lei. Depois do confronto, Simão de Andrade viu-se obrigado a fugir para bordo. E, passados poucos dias, foi afixado um édito na porta da cidade de Cantão que anunciava em letras douradas: *Proibida a entrada a homens pálidos com barbas e grandes olhos*.

As bravatas de Simão de Andrade tiveram consequências trágicas. Prejudicaram o comércio e o imperador já

nem recebeu Tomé Pires. No entanto, os comerciantes sempre souberam furar os embargos e as autoridades sempre souberam fechar os olhos e continuaram a fazer-se compras e vendas nas costas da China. Mesmo durante o período em que vigorou a proibição de comerciar com estrangeiros, os portugueses estabeleceram feitorias em Chinchéu e Liampó e frequentavam os portos de Lampacau e Sanchoão, onde adquiriam sobretudo loiça de porcelana, sedas e ouro, que eram vendidos na Índia, em Portugal e noutros países da Europa.

O comércio de produtos da China era bastante rentável, mas tornou-se ainda melhor quando os portugueses chegaram ao Japão e passaram a comerciar também com os japoneses.

Em 1550 os mandarins de Cantão autorizaram oficialmente os portugueses a entrar na cidade de seis em seis meses para irem à feira que aí se realizava. É neste quadro que surge a hipótese da instalação dos portugueses em Macau. Muitos comerciantes fixaram-se na península de Macau e por lá foram ficando. Não há registo escrito que aponte a data exata ou o motivo que levou à fundação da cidade, mas há várias histórias e tradições relacionadas com piratas e tempestades.

# Histórias e lendas sobre a fundação de Macau

### Chan-Si-Lau, pirata de Macau

A península da foz do rio das Pérolas tinha caído nas mãos do terrível pirata Chan-Si-Lau, que chefiava vários bandos de malfeitores. Dali organizavam ataques violentíssimos às terras vizinhas e assaltos aos navios que passassem por perto. Todas as tentativas para os expulsar fracassaram até que um dia chegaram os navios com portugueses que os venceram. Chan-Si-Lau, humilhado com a derrota, suicidou-se. Quando o imperador soube do sucedido, ficou muito satisfeito por se ver livre de desordeiros e, para compensar os portugueses, autorizou-os a fundar uma cidade na península de Macau. Esta lenda tem outra versão: teriam sido os mandarins de Cantão a pedir ajuda aos portugueses para desalojarem Chan-Si-Lau e para patrulharem a foz do rio das Pérolas, prometendo em troca a autorização para fundarem uma cidade.

### Tufão nos mares da China

Conta-se que no ano de 1557 um navio português foi apanhado no alto mar por um pavoroso tufão e naufragou nas costas da China. Os homens salvaram-se, mas as mercadorias ficaram em muito mau estado e completamente encharcadas. Para evitar que a carga apodrecesse, os navegadores teriam pedido que os deixassem permanecer ali algum tempo, pelo menos até que as coisas secassem. E por lá foram ficando…

As lendas são sempre interessantes e podem ter ou não ter um fundo de verdade. O que não deixa lugar a dúvidas é que a cidade portuguesa de Macau só pôde nascer e desenvolver-se porque a ideia agradou aos chineses. Em 1557, no reinado do imperador Jiajing[7], a China passou a aceitar a presença de portugueses na zona do rio das Pérolas. Essa é, portanto, a data aceite pela maioria dos historiadores para o nascimento oficial de Macau.

## Chineses e portugueses em Macau

À medida que a zona portuguesa de Macau ia crescendo, cresciam também os bairros chineses. As duas comunidades conviviam cordialmente, comerciavam entre si, mas na verdade não se misturavam, pois viviam em zonas separadas. Existia até uma muralha com portas, espécie de fronteira entre o bairro chinês e a cidade portuguesa.

Os contactos regulares entre povos desencadeiam sempre alterações no modo de vida de uns e de outros. Em Macau também assim foi, mas aconteceu de forma subtil. Cada grupo continuou a falar a sua língua, a praticar a sua religião, a educar os filhos de acordo com as suas tradições, conservando hábitos alimentares e de vestuário, ou construindo edifícios segundo os modelos de uma estética própria. Mas há sempre pormenores a que não se resiste. Por exemplo os modelos dos beirais arrebitados

[7] Jiajing foi imperador da China entre 1521 a 1567.

que se classificam como típicos das casas portuguesas na verdade vieram do Oriente.

## A Porta do Cerco

Em 1573 os chineses construíram uma muralha no istmo que liga a península de Macau ao continente para deixar claro que aceitavam a presença dos portugueses naquela faixa de terra, mas queriam manter o controlo sobre as entradas e saídas na China. A muralha servia, portanto, de fronteira e tinha uma porta que se abria de acordo com regras. Nos primeiros tempos só abria de manhã e fechava à noite. As entradas e saídas eram sempre vigiadas e as pessoas não podiam passar de um lado para o outro sem motivos concretos. A esta fronteira chamou-se *Porta do Limite* ou *Porta do Cerco*.

Porta do Cerco. Coleção de postais antigos de Macau de João Loureiro. Cedência IIM.

## A vida dos portugueses em Macau

Nos primeiros tempos, quase todos os homens portugueses que se radicaram em Macau casaram com mulheres asiáticas, constituíram famílias e a comunidade foi-se tornando cada vez mais numerosa. Os filhos de pais portugueses eram batizados e educados na religião cristã, recebiam nomes portugueses, falavam português mas, por exemplo, as meninas vestiam túnicas de seda parecidas com trajes orientais. A maior parte dos chefes de família dedicava-se ao comércio, o que lhes proporcionava considerável riqueza. Podiam, portanto, mandar construir boas casas, contratar criados e comprar escravos. As mulheres e as filhas só saíam acompanhadas, sobretudo para ir à igreja. Quanto aos homens, embarcavam nos seus navios para se deslocarem ao Japão, a Malaca ou para subirem o rio das Pérolas para irem fazer negócios à feira de Cantão na China.

## A feira de Cantão

Cantão era uma cidade da China onde os comerciantes portugueses tinham autorização de entrar. Subiam o rio das Pérolas nos seus navios e lançavam âncora diante da cidade. Durante o dia podiam circular livremente, mas à noite tinham de recolher a bordo porque os chineses não queriam estrangeiros a dormir em terra. Esta viagem efetuava-se duas vezes por ano, uma no inverno, outra

no verão e o tempo de permanência era longo porque os negócios eram lentos. Às vezes ficavam dois ou três meses em Cantão.

## Espalhar o cristianismo

No tempo dos Descobrimentos a maior parte dos europeus praticava a religião cristã e havia a ideia de que tinham obrigação de levar o cristianismo a todos os povos com quem entrassem em contacto. Muitos foram os missionários que partiram de Lisboa para a África, para o Brasil, para a Índia ou para o Extremo Oriente com essa intenção.

Alguns eram padres seculares, outros pertenciam a ordens religiosas, como por exemplo os franciscanos, os dominicanos ou os jesuítas.

## Missionários no Oriente

São Francisco Xavier, que era jesuíta, foi o primeiro missionário a divulgar a religião cristã no Extremo Oriente. Chegou a Goa em 1542 e durante os anos que permaneceu na Índia conseguiu converter ao cristianismo milhares de pessoas. Viajou depois até Malaca, visitou as ilhas de Amboíno, Moro e Ternate e, em 1549, dirigiu-se ao Japão, onde fundou uma missão religiosa que iria durar quase um século.

Ruinas de São Paulo. Pang Chi Pong 三巴屹立五百年. Cedência IIM.

Em 1563 os jesuítas instalaram-se em Macau. Construíram uma residência na colina mais alta da península e depois um colégio e uma igreja — a igreja da Madre de Deus — que, estando ligada ao colégio de São Paulo, ficou conhecida por igreja de São Paulo e, de certa forma, veio a tornar-se um símbolo daquele território.

Atualmente só existe a fachada porque o interior ardeu. Mas há descrições de viajantes que permitem imaginar a beleza do seu interior com três grandes naves, altares de talha dourada, teto em arco com pinturas feitas por artistas chineses a vermelho e azul e remates em madeira *binoki*, uma espécie de cipreste trazido do Japão.

No colégio de São Paulo funcionava também um seminário que preparava missionários vindos da Europa para

irem espalhar a fé cristã na China, no Japão e em outras terras da Ásia. Ficaram famosos alguns missionários jesuítas que impressionaram os imperadores da China com os seus conhecimentos científicos. Esses padres tiveram o bom senso de aprender a falar chinês e de aceitar certos costumes e rituais da terra para se poderem integrar e comunicar mais facilmente. Deixavam, por exemplo, crescer longas barbas e adotaram o traje de mandarim.

- **Mateus Ricci** encantou o imperador comos seus conhecimentos e porque lhe apresentou um mapa do mundo tendo o cuidado de desenhar a China ao centro.

- **Adão Schall** estabeleceu a ligação entre o calendário lunar que os chineses utilizavam e o calendário solar dos europeus. Este trabalho foi importantíssimo porque o calendário lunar não permite estabelecer com rigor as estações do ano. A partir de então tornou-se mais fácil determinar, por exemplo, em que altura do ano se deviam fazer as sementeiras e as colheitas nas diferentes regiões do imenso território da China.

- **Fernando Verbiest**, matemático e astrónomo, especialmente versado em ótica, maravilhou a corte imperial chinesa com o óculo (uma espécie de telescópio) que instalou no Palácio da Pureza Celeste. As mulheres do imperador — que uma rígida etiqueta impedia de sairem à rua — puderam, então, ver o que se passava para lá das muralhas que circundavam o palácio.

# O Japão

O Japão é um arquipélago composto por quatro grandes ilhas — Kyushu, Shikoku, Honshu e Hokaido — e, além destas, muitas outras ilhas mais pequenas.

O povo japonês, embora estabelecendo contactos com a China e outras regiões da Ásia, pouco se misturou com outros povos. Manteve-se sempre muito fechado sobre si mesmo, limitando até as trocas comerciais com o exterior. A religião tradicional do Japão — o xintoísmo — assenta sobretudo em crenças relacionadas com as forças da natureza e a veneração das almas dos antepassados. Apesar do isolamento, receberam alguma influência no campo religioso e o budismo tornou-se numa religião nacional.

# Quem governava o Japão

Durante séculos o Japão foi governado por um imperador. Mas havia grandes senhores donos de terras, povoações e castelos. Esses senhores tinham o título de *dáimios* e possuíam exércitos privativos, compostos por guerreiros que se orgulhavam da sua coragem e perícia no manejo das armas — os *samurais*. Os samurais andavam sempre com duas espadas à cintura e, se fosse necessário, davam a vida pelo senhor a quem serviam. Os dáimios entravam frequentemente em luta uns com os outros. No ano de 1192 um dos dáimios conseguiu vencer todos os outros e passou a ter influência sobre todo o Japão. Sentia-se tão seguro que manteve o imperador no palácio rodeado pela corte, prestava-lhe todas as homenagens mas não recebia ordens, dava-as. Quis no entanto distinguir-se dos outros dáimios e adotou o título de *xogum*, que significava generalíssimo. O título ficou e houve várias dinastias de xogunatos. Quando os portugueses, chegaram ao Japão, em 1543, estava no poder um xogum da dinastia Ashikaga. Continuava a haver um imperador e muitos dáimios com os seus exércitos de samurais.

O Japão fica tão longe da Europa que durante muitos séculos ninguém soube da sua existência. Quem trouxe as primeiras notícias foi um homem de Veneza chamado Marco Polo, depois de uma viagem em que chegou à China, onde ouvira falar de um país de nome *Cipango* que não tinha senão ilhas. Na Europa quase ninguém acreditou nos seus relatos e tomaram-no por mentiroso ou sonhador.

## Os portugueses no Japão

Os portugueses foram os primeiros europeus a desembarcar no Japão, mais precisamente numa pequena ilha chamada Tanegashima para onde foram arrastados por uma tempestade, quando viajavam a bordo de um junco chinês. Eram três, António da Mota, Francisco Zeimoto e António Peixoto.

O encontro foi uma surpresa tanto para os portugueses como para os japoneses. Os japoneses não percebiam de onde é que tinham vindo aqueles estrangeiros de pele clara e olhos redondos. Os portugueses pasmaram por encontrarem ali um mundo completamente diferente de tudo o que até então tinham visto.

Conseguiram entender-se graças à ajuda de um chinês que pôde servir de intérprete porque, embora as línguas faladas na China e no Japão fossem diferentes, a escrita era muito parecida. Um pau traçando sinais na areia permitiu traduzir perguntas e respostas.

A curiosidade máxima incidiu num objeto que os portugueses levavam consigo: a espingarda. Os japoneses desconheciam as armas de fogo e ficaram assombrados com aquele pau oco que produzia um clarão e um estrondo capaz de matar à distância. Chamaram-lhe *tanegashima* por ser o nome da ilha onde os portugueses tinham desembarcado. E fizeram absoluta questão de obter um exemplar e os segredos de fabrico. E aos portugueses, a quem viam como homens de longos narizes e trajes estranhos, chamaram *Namban Jin*, o que significa bárbaros do sul.

Entre 1543 e 1550 houve muitos particulares portugueses que se aventuraram até ao Japão na mira de comerciar. Quem deixou um relato escrito cheio de pormenores saborosos acerca do encontro entre os portugueses e os japoneses foi Fernão Mendes Pinto, que durante vinte e um anos percorreu os mares e terras distantes como soldado, comerciante, contrabandista, pirata, missionário e embaixador. Treze vezes cativo e dezassete vendido como escravo, passou por mil aventuras, todas com final feliz. Não foi o único português a viver no Oriente e a participar em acontecimentos extraordinários, mas foi um dos poucos que escreveu e muito bem. Por isso é hoje conhecido em todo o mundo. No seu livro, *Peregrinação*, garante que fazia parte do grupo de António Zeimoto e que foi o primeiro europeu a desembarcar na ilha Tanegashima. No seu livro cada episódio relatado é mais surpreendente do que anterior. Como não podia deixar de ser, inclui a história da primeira espingarda no Japão, que teria sido oferecida pelo seu companheiro Francisco Zeimoto ao governador da ilha, depois de uma caçada aos patos.

Engraçada mesmo é a história da segunda espingarda no Japão, essa da responsabilidade do próprio Fernão Mendes Pinto numa outra ilha chamada Kyushu, envolvendo a família de um poderoso dáimio. Conta ele que depois de mostrar a espingarda e de fazer várias exibições de tiro deixou a assistência maravilhada. O mais entusiasta, porém, foi o segundo filho do dáimio. Nunca mais se calou a pedir: «Ensina-me a disparar. Quero dominar

essa arma.» Receando que o rapaz se ferisse, Fernão Mendes Pinto desculpou-se inventando que encher o cano de pólvora e premir o gatilho era uma arte difícil e demorava muito a aprender. Teimoso, como costumavam ser os adolescentes, o rapaz não desistiu. Sempre à espreita de uma oportunidade, aproveitou um dia em que o português dormia a sesta e vá de pegar na espingarda. Atafulhou o cano de pólvora como vira fazer e... *pan*! Provocou uma explosão em que o tiro lhe saiu pela culatra.

Coberto de sangue, com o polegar da mão direita preso por um fio, o infeliz perdeu os sentidos. Preparava-se já uma vingança radical quando, por sorte, o rapaz acordou, assumiu toda a culpa e exigiu ao pai que poupasse a vida ao estrangeiro. «Se o matarem, eu morro outra vez», dizia. O dáimio concordou, mas exigiu que o dono da espingarda reparasse o mal que ele tinha feito. E foi assim que Fernão Mendes Pinto, além de tudo o mais, desempenhou com êxito funções de enfermeiro e de médico cirurgião.

Um outro episódio que Fernão Mendes Pinto relata no seu livro, inclui o auxílio que prestou a um japonês chamado Anjiró que fugia espavorido pela praia e lhe pediu que o recebesse a bordo. Não se sabe ao certo se teria de facto assistido à cena ou se apenas a ouviu contar. Mas sabe-se que Anjiró existiu mesmo, que se viu obrigado a fugir do seu país, embarcando num navio português e rumado a Malaca. Aí conheceu um missionário chamado Francisco Xavier, tornaram-se amigos e Anjiró falou-lhe longamente da sua terra. Francisco Xavier entusiasmou-se

com a ideia de ir pregar o cristianismo no Japão, fez essa proposta ao governador da Índia e este concordou. Organizou-se uma expedição e, no ano 1549, desembarcavam na cidade de Kagoshima, ilha de Kyushu, os primeiros missionários cristãos: Francisco Xavier e outros dois jesuítas, Cosme de Torres e João Fernandes. As suas pregações tiveram um êxito formidável, houve vários senhores que os convidaram, mostrando-se interessados em conhecer a nova religião e a nova cultura de que lhes falavam. Anjiró, que já se convertera e fora batizado com o nome cristão de Paulo de Santa Fé, servia de intérprete.

Seguindo o exemplo de Francisco Xavier viriam a desembarcar no Japão muitos outros missionários. Construíram igrejas e seminários, escreveram livros com mensagens cristãs em japonês, converteram dáimios que se quiseram batizar e muitos homens e mulheres da terra.

## Negócios entre o Japão e a China

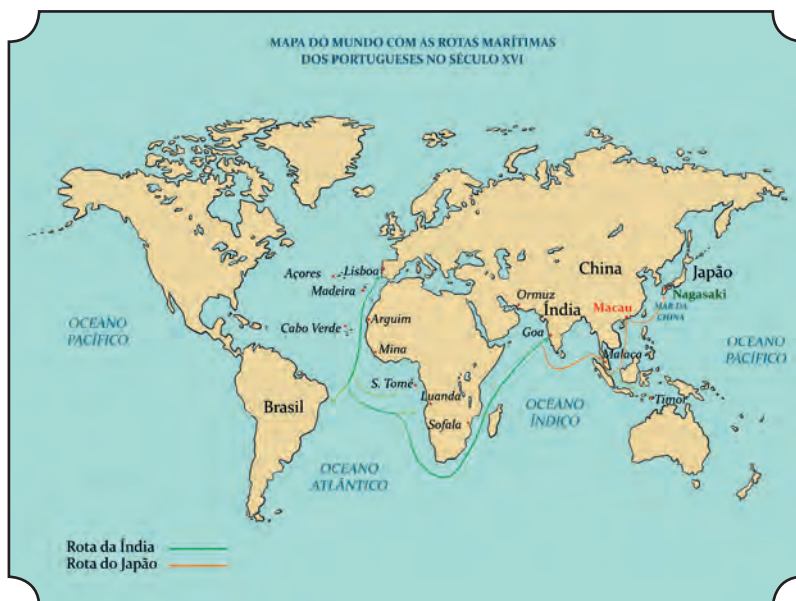
Na época em que os portugueses eram os únicos europeus a navegar no Extremo Oriente, a China e o Japão estavam de relações cortadas. Os portugueses aperceberam-se de que se podiam tornar intermediários nas trocas comerciais entre os dois países e que esse negócio podia ser muito rendoso. No entanto, para transportarem grandes quantidades de produtos de um lado e para o outro, precisavam de portos seguros onde fundear os navios e locais onde construir armazéns e casas de habitação.

Na China instalaram-se em Macau. No Japão foram-se insinuando junto das autoridades japonesas, que acabaram por considerar benéfica a presença dos mercadores portugueses e lhes concederam facilidades para fundearem os navios portugueses em portos da costa japonesa.

Em 1550, como os negócios no Japão começaram a dar lucros excelentes, o rei de Portugal, D. João III, decidiu criar o cargo de *Capitão-mor da Viagem do Japão*. Como esse cargo ganhou prestígio e permitia enriquecer rapidamente, tornou-se muito cobiçado, mas só era atribuído a homens da alta nobreza que já tivessem prestado bons serviços à coroa.

## As rotas portuguesas para o Oriente e a carreira do Japão

Nos séculos XVI e XVII havia duas rotas a ligar Lisboa ao Oriente, onde só os portugueses navegavam porque o papa concedera bulas a atribuir a Portugal o exclusivo da navegação no Atlântico Sul, no oceano Índico e nos mares da China. Aos espanhóis reconhecera o exclusivo da navegação nas zonas do mundo que ficassem para oeste do meridiano definido pelo Tratado de Tordesilhas.

A carreira do Japão não tinha início em Lisboa. O navio partia da cidade de Goa, sede do governo do Estado Português da Índia, passava por Malaca, por Macau na China e atingia o Japão. Nos primeiros anos o navio português ancorava em diferentes portos japoneses. A partir do ano 1571 passou a fundear no porto de Nagasáqui.

## O *Navio Negro*

O navio que o capitão-mor do Japão armava à sua custa para efetuar a viagem entre a Índia e o Japão era uma nau gigantesca, geralmente construída nos estaleiros portugueses da Índia, com madeira de teca por ser muito resistente. Os portugueses chamavam a esse navio *Nau do Trato*, ou seja, navio do comércio. Os japoneses chamavam-lhe *kurofuné*, provavelmente devido à cor escura do casco, porque essa palavra japonesa se traduz por navio negro.

O grande navio tinha vários porões onde podiam ser transportadas até duas mil toneladas de carga. E a carga era muito variada porque em todos os portos se faziam negócios e se carregavam várias espécies de mercadorias.

Maqueta do *Navio Negro*.
Lisboa, Museu do Centro Científico e Cultural de Macau

Em Goa, tecidos, sobretudo de algodão e de chita, relógios, vidros e cristais, que ali tinham chegado da Europa, e vinhos portugueses, que também tinham ido de Portugal. Carregavam-se também cavalos árabes e ainda animais asiáticos, esses para oferecer aos grandes senhores do Japão. Em Malaca compravam-se especiarias, madeiras preciosas e aromáticas e peles de animais. Em Macau produtos da China, sobretudo sedas cruas, sedas trabalhadas e em rama, loiças de porcelana, pérolas e ouro. No Japão a principal mercadoria era prata em barra, cobre, espadas, quimonos de seda, objetos de laca e biombos pintados a folha de ouro.

Como naquele tempo os navios navegavam à vela era indispensável conhecer o regime de ventos e de correntes marítimas para evitar os tufões e as tempestades e aproveitar as condições mais favoráveis. Por isso a partida de Goa era sempre em abril ou maio. A escala em Malaca era sempre curta. A escala em Macau demorava entre 10 e 12 meses, para dar tempo a que os mercadores subissem o rio das Pérolas ou o rio do Oeste, até à cidade chinesa de Cantão, para ali comprarem produtos chineses, sobretudo sedas para venderem no Japão a troco de barras de prata e porcelanas para enviarem depois para Goa e daí para a Europa.

A partida de Macau era entre julho e agosto. Se a monção (ventos predominantes em cada estação do ano) fosse favorável, demoravam cerca de um mês a atravessar os mares da China e chegavam ao Japão entre agosto e setembro. A estadia no Japão era geralmente de dois meses e o regresso a Goa iniciava-se entre outubro e novembro.

## Quem ia a bordo do *Navio Negro*

A bordo do *Navio Negro* seguiam mais de trezentas pessoas. A mais importante era o capitão-mor do Japão, um senhor da nobreza a quem o rei atribuía o cargo na condição de ser ele a armar e equipar o navio. Só eram escolhidos nobres que tivessem fortuna ou maneira de arranjar o dinheiro suficiente para pagar as despesas e contratar a tripulação. A tripulação incluía pilotos, mestres e marinheiros, bem como homens de armas que soubessem manejar canhões e outras armas para garantirem a segurança caso fossem atacados por piratas.

No navio viajavam também missionários empenhados em espalhar o cristianismo entre os povos que praticavam outras religiões. E viajavam muitos comerciantes que queriam comprar e vender produtos, na intenção de fazer negócio e de obter bons rendimentos.

É engraçado saber que o *Navio Negro* nunca foi atacado por piratas ou navios asiáticos. Para isso terá contribuído o facto de impressionar quem o avistava, por ser enorme, e também a fama de ser invencível devido aos canhões e outras armas que levava a bordo, à capacidade militar dos portugueses e ao número elevadíssimo de passageiros. Embora o *Navio Negro* transportasse grandes riquezas ou mesmo autênticos tesouros nos porões, proporcionava aos mercadores uma viagem segura.

Naquela época havia também aventureiros portugueses que decidiam ir de Macau ao Japão por sua conta e risco em pequenos navios, em geral juncos chineses, para

tentarem fazer os seus negócios. Às vezes conseguiam, mas outras naufragavam, ou eram atacados por piratas e perdiam a mercadoria ou até a vida. Para esses, a viagem representava um risco tremendo.

O capitão-mor do Japão, como representante do rei de Portugal, tinha autoridade sobre todos os portugueses com quem se cruzasse tanto no mar ou em terra. A comunidade portuguesa que vivia em Macau estava sujeita às suas ordens, bem como todos os portugueses que viviam naquelas paragens, incluindo os aventureiros que circulavam pelos mares da China.

# O *Navio Negro* e os portugueses na arte do Japão

## Os biombos Namban

As casas tradicionais do Japão foram pensadas a contar com os ventos, as tempestades e os movimentos da terra, que às vezes treme sem prevenir. Por isso ergueram-se pequenas, discretas, leves e elásticas. Se o chão dançasse, dançavam também e não caíam.

No interior a divisão do espaço não era fixa, havia divisórias que deslizavam e outras de pôr e tirar conforme desse jeito na altura. Essas divisórias eram feitas com biombos de estrutura feita de madeira que os tornava leves e fáceis de transportar de um lado para o outro. O interior dos biombos era preenchido com papel de arroz e a superfície à vista era decorada com pinturas muito requintadas, feitas com folhas de ouro e pigmentos minerais.

A chegada dos portugueses teve impacto na pintura de biombos, pois alguns artistas, impressionados com o barco negro que ancorava uma vez por ano no porto de Nagasáqui, esqueceram os motivos com que habitualmente decoravam os biombos e aplicaram-se a reproduzir as cenas que viam no porto com personagens que chegavam ao Japão, vindos do outro lado do mundo.

Foi assim que surgiram os famosos biombos Namban. Por sorte 91 exemplares chegaram intactos aos nossos dias e, na sua maioria, estão expostos em museus. Neles podemos ver como éramos vistos pelos japoneses.

Biombo Namban [par] exposto no Museu Nacional de Arte Antiga. Inv. n.º 1638 Mov.
© DGPC / Francisco Matias

O navio aparece enorme, como de facto era, com os mastros, as cordas, os cestos da gávea. E pelas cordas trepam marinheiros, em acrobacias inacreditáveis, algumas das quais mesmo impossíveis. Para os japoneses, o *Navio Negro* e os seus homens, embora reais, mantinham um toque de fantasia.

Os biombos Namban têm como tema central a chegada anual do navio português ao Japão, as cenas de desembarque de passageiros e tripulação e o encontro em terra com os missionários portugueses ali fixados que os aguardavam e com os japoneses.

Biombo Namban [par] exposto no Museu Nacional de Arte Antiga. Inv. n.º 1639 Mov.


Num dos biombos é representado o *Navio Negro* ancorado com os marinheiros pendurados nos cabos do navio e fazendo proezas acrobáticas, enquanto os batéis transportam pessoas e mercadorias para a praia.

No outro biombo vê-se um cortejo de cavaleiros ou fidalgos, com o capitão-mor e um numeroso acompanhamento de escravos e criados.

À direita do biombo encontra-se um grupo de missionários, onde se podem ver jesuítas trajando de negro, avançando para saudar a aproximação dos recém-chegados. Por vezes vê-se também uma igreja ou convento com um padre a celebrar missa e cristãos japoneses.

Biombo Namban (pormenor). Museu Nacional de Arte Antiga. Inv. n.º 1638 Mov.
© DGPC / Luísa Oliveira / José Paulo Ruas

Biombo Namban (pormenor). Museu Nacional de Arte Antiga. Inv. n.º 1639 Mov.
© DGPC / Luísa Oliveira / José Paulo Ruas

Biombo Namban (pormenor). Museu Nacional de Arte Antiga. Inv. n.º 1641 Mov.


Biombo Namban (pormenor). Museu Nacional de Arte Antiga. Inv. n.º 1639 Mov.

Em alguns biombos surge uma mãe japonesa que segura o filho nos braços para que ele veja os estranhos forasteiros, ou pais que apontam os estrangeiros aos filhos mais velhos.

Em alguns biombos o cortejo inclui ainda jaulas com falcões, araras, pavões, gatos selvagens, tigres, antílopes e outros exemplares da fauna indiana, que os portugueses levavam para oferecer aos dáimios.

Por vezes os biombos formam um par, em que um biombo representa a partida do navio português do seu porto de origem, Goa ou Macau, e o outro biombo representa a chegada do navio ao Japão, e as boas-vindas dos missionários aos seus compatriotas que desembarcaram.

## Objetos de laca

O tempo e a energia que os japoneses poupavam por não fabricarem móveis era meticulosamente utilizado na confeção de objetos como pequenas escrivaninhas, estantes, caixas, tigelas, tabuleiros. Sobre uma base de madeira aplicavam camadas sucessivas de um verniz especial chamado uruxi. Obtinham-no sangrando árvores resinosas. Os troncos escorriam entre junho e novembro mas o verniz de melhor qualidade brotava em agosto. Misturando com pó de carvão ficava preto. Com sangue de dragoeiro, encarnado. Pigmentos de ouro, prata ou zinco serviam para acrescentar pinturas delicadíssimas, às quais se podiam juntar pedaços de madrepérola, pele de raia ou

de cação. O verniz tornava as peças impermeáveis e resistentes. Os portugueses gostaram muito daquele material tão prático, sólido e brilhante e encomendaram bolsas para pólvora, cofres, estantes para missas, oratórios, caixas para hóstias, cadeiras, arcas, contadores, cabos de espada, tudo revestido pelo verniz «miraculoso» a que se dá o nome de laca.

Bolsa para pólvora. Museu Nacional de Arte Antiga. Inv. n.º 931 Div. © DGPC / Luís Pavão

Cofre. Museu Nacional de Arte Antiga. Inv. n.º 97 Cx. © DGPC / Carlos Monteiro

Quanto à decoração, os missionários faziam uma exigência: que a cruz e os símbolos dos jesuítas ficassem representados. Essa ideia influenciou os dáimios que passaram por sua vez a mandar incluir os emblemas das suas famílias nos objetos pessoais.

Estante de missal com a cruz e os símbolos dos jesuítas. Museu Nacional de Machado de Castro. Inv. n.º 2373; M331. © DGPC / José Pessoa

## Agradecimentos

Agradecemos reconhecidas ao Professor Doutor João Paulo Oliveira e Costa que nos forneceu bibliografia atualizada sobre os temas que abordámos neste livro e se dispôs a reler o manuscrito para verificar a correção científica da informação explícita e implícita na história.



**Edição**
Fundação Jorge Álvares
Rua Castilho, 39 (Edifício Castil)
11.º Andar – Letra I
1250-068 Lisboa, Portugal
fundacao@jorgealvares.com
https://jorgealvares.com/

**Autoria**
Ana Maria Magalhães
Isabel Alçada

**Ilustrações**
Rui Sousa

**Revisão de texto**
José Campino

**Design gráfico**
TVM Designers

**Impressão**
xxxxxxxx

**Tiragem**
0000 exemplares

**ISBN** 00000000
**Depósito Legal** 000000/21

Lisboa, setembro de 2021

Edição não comercial — PROIBIDA A VENDA

— Entrem, entrem que vão gostar da experiência.

Convencidos de que o interior do edifício se assemelharia a um labirinto tão intrincado que precisavam de um instrumento de apoio para voltarem para trás, contornaram a escadaria e afinal deram consigo numa sala estreita, banhada por iluminação suave onde estava em exibição a gigantesca maqueta de um navio de casco negro, feita de maneira a deixar à vista o interior. E, no interior, além dos porões recheados de caixas, sacas, pipas e outros tipos de cargas, da imensidade de camaratas para alojar a tripulação e os passageiros, havia várias cobertas sobrepostas onde iam surgindo figuras humanas em miniatura, com roupas de outros tempos, a conversar umas com as outras num português antiquado. (...) Não saberiam dizer há quanto tempo estavam ali, quando se começaram a sentir tontos, de cabeça a andar à roda, músculos a fraquejar. Aida agarrou o braço de Tomás, ele tentou segurá-la e a última coisa que viram antes de perderem os sentidos foi o enigmático sorriso do professor Pedro Sun.